

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**OS MODOS DE EXISTIR DE UMA FAMÍLIA MORADORA DO LIXÃO DE
AGUAZINHA: UM ESTUDO DE CASO**



Mestranda: Adalmeide Vasconcelos do Nascimento

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

OS MODOS DE EXISTIR DE UMA FAMÍLIA

MORADORA DO LIXÃO DE AGUAZINHA

UM ESTUDO DE CASO

Dissertação desenvolvida na Linha de Pesquisa: Construção da Subjetividade na Família, apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, pela Mestranda Adalmeide Vasconcelos do Nascimento, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas.

RECIFE – 2004

**OS MODOS DE EXISTIR DE UMA FAMÍLIA MORADORA DO LIXÃO DE
AGUAZINHA: UM ESTUDO DE CASO**

ADALMEIDE VASCONCELOS DO NASCIMENTO

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Lopes Nogueira (UFPE)

Prof^a. Dr^a. Albenise de Oliveira Lima (UNICAP)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(Orientadora – UNICAP)

A
Américo e Adalcina
(in memórian)

A
Francisco, Thiago e Amanda,
Por tudo que estamos
Cotidianamente aprendendo
Sobre Família.

AGRADECIMENTOS

A

Minha orientadora Prof^a Dr^a Cristina Amazonas, por sua disponibilidade, paciência, rigor, sugestões, indicações, escuta, carinho e diversos sentimentos que, como humana compartilhou comigo ao longo desse mestrado. Confesso que você muitas vezes comportou-se como uma verdadeira mãe-águia. Só tenho a lhe agradecer por ter confiado e me ajudado a voar, sem o seu “empurrãozinho” eu não teria conseguido.

As

Prof^{as}. Dr^{as}. Aparecida Nogueira (UFPE) e Albenise Lima (UNICAP), por suas iluminadas, precisas e valiosas sugestões. Confesso que as admiro muito.

As

Prof^{as}. Dr^{as} Maria da Conceição Almeida (UFRN) e Zélia Melo (UNICAP), pelo apoio e generosidade em colocar-se a disposição como examinadoras suplentes desta banca.

A

Todos os professores do mestrado, que nas salas de aula ou nos corredores fizeram valiosas sugestões e indicações.

A

Amiga Mirian Pena por sua grande colaboração e disponibilidade por “traduzir-me”.

Aos

Funcionários da UNICAP, especialmente Nadjanara e Nicéias do bloco “J” , por terem sido pacientes e colaboradoras, durante esse processo.

À

“Família Silva”, por ter me aberto a porta e o coração, permitido-me entrar nos cômodos de sua morada e na sua intimidade familiar.

Às

Famílias do PMAC, pelos ensinamentos de vida, pela confiança e porque, no anonimato, contribuíram para o crescimento deste trabalho.

A

Deus, por ter me permitido viver mais esse momento e ainda por cima ter me dado à Graça de compartilhá-lo com todos vocês.

DEDICATÓRIA

Aos

Meus irmãos, Adalmere, Adalmércia, Adaelcio, Adelson, Adelmo, Adalcimere, pelo amor que nos une.

Aos

Cunhados, cunhadas, sogra, tios, sobrinhos e “agregados”, pelo carinho, incentivo, apoio e preces.

A

Lêda Guimarães Viana, que há 10 anos caminha ao meu lado, como uma verdadeira amiga o faz: com liberdade, simpatia, carinho, por puro amor. Um amigo é uma escolha que fazemos na vida, e você AMIGA, foi minha escolha.

A

Leila de Andrade Oliveira que também caminha ao meu lado, oferecendo as melhores coisas do humano: alegria de viver, sinceridade, compreensão, carinho, crítica, incentivo, apoio, ombro, confiança... amizade.

As

Amigas Fernanda Duarte e Tatiana Pereira que depositam confiança em mim e no trabalho que realizo no PMAC. Sem vocês no “apoio”, não teria nem havido o começo, quanto mais esse “fim”.

A

Graça Melo por seu carinho e respeito, também, aos milhares de “amigos de fé” e “irmãos camaradas” que ao longo de minha existência puderam sorrir, chorar, rezar, fofocar, trocar, brincar, trabalhar, enfim, compartilhar, dando ao meu existir momentos singulares e significativos. Pra mim não importa se você esteve perto ou longe, o que importa é que, de algum modo, estivemos ligados através dessa imensa rede.

Aos

Colegas da 4ª turma desse mestrado, Bárbara Cabral, Cláudia Pontual, Lêda Viana, Luísa Manjorani, Ana Lúcia Omena, Fernando Góes, Eliane Figueiredo, Fátima Canêdo, Kátia Carvalho, Kátia Oliveira, Neuma de Barros, Diana Belém, Helenita Coelho, Lúcia Salvari, Selme Lisboa, pelos momentos maravilhosos que compartilhamos. Em especial as meninas e menino de “Família”.

Aos

Amigos do Grupo de Formação: Paula, Severino, Augusta, Brena, Fernanda, Marilene, Mônica, por tudo que aprendemos, por tudo que ensinamos, por tudo o que compartilhamos.

Ao

Grupo Natureza do ECC. Todos vocês estão no meu coração. A Walfrido e Vânia, por terem tido tanta paciência comigo, por suas preces e amizades.

SUMÁRIO

RESUMO

RESUMEN

ABSTRACT

1. O PROBLEMA EM QUESTÃO	12
1.1 Família: um lugar de idealizações?	24
2. UM MODO DE FAZER PESQUISA.....	28
2.1 A que se propõe esta pesquisa.....	28
2.2 Atores da pesquisa.....	30
2.3 O lixão em suas dimensões	36
2.4 Como cheguei aos participantes.....	37
2.4.1 <i>Bonito é que gente é sempre assim tão diferente de gente e que na sua riqueza revolucionaria... ensina</i>	39
2.5 O enigmático amanhã	42
3. UMA FAMÍLIA E SUA HISTÓRIA	48
• <i>Sexo frágil, não foge à luta</i>	49
• <i>Família, família, almoço juntos todo dia, nunca perde essa mania</i>	53
• <i>Diálogo em família não é só coisa para grã-fino</i>	56
• <i>Quando seu moço nasceu meu rebento não era o momento dele rebentar, já foi nascendo com cara de fome, eu não tinha nem nome pra lhe dá</i>	60
• <i>Nem sempre... quando o dinheiro sai pela porta o amor sai pela janela</i>	61
• <i>A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte</i>	63
• O trabalho em detrimento dos estudos	77
• <i>A casa tá bonita, a dona tá arrumada, a última visita, quanto tempo faz?</i>	88
• <i>Perdoem por tantos perigos, perdoem a falta de abrigo, perdoem a falta de amigos, os dias eram assim</i>	97
• O trabalho no Lixão e suas possibilidades	100

4. COMPREENDENDO E ESCREVENDO SENTIDO	103
4.1 E é como se então eu chegasse ao fundo do fim, de volta ao começo	104
REFERÊNCIAS	112

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa, de base fenomenológica, que tem por objetivo *compreender os modos de existir de uma família moradora do Lixão de Aguazinha*. A compreensão tomou por base as narrativas de uma família, composta por pai (37 anos), mãe (38 anos) e sete filhos com idades que variam dos 03 aos 16 anos, acerca do modo como a “Família Silva” vive, mora, trabalha, quais os seus valores, anseios, desejos, como se relacionam entre si, quais os espaços que cada membro da família ocupa na moradia e de que forma isto acontece. As narrativas foram gravadas em fitas-cassete e, posteriormente, transcritas literalmente. Os resultados que foram submetidos a uma análise compreensiva, apontaram que: uma família pobre e numerosa preserva a hierarquia nas relações familiares; valoriza a privacidade do casal e dos filhos; tem no respeito e no afeto a base da relação conjugal e filial apoiada no diálogo do casal com os filhos e entre si. O trabalho na catação de materiais recicláveis no Lixão foi uma estratégia que a família encontrou para sobreviver ao desemprego e à fome. Destaco, ainda, que por morar e trabalhar dentro de um espaço destinado ao lixo a família estudada sente-se como “as pessoas mais pobres do mundo”. O valor que atribuiu ao trabalho foi o de ser “melhor trabalhar no Lixão que roubar”. O interesse foi produzir conhecimentos que venham a ajudar profissionais da Psicologia e áreas afins a lançar-se a uma prática mais aproximada das necessidades apresentadas pela população investigada.

Palavras-chave: Família; Modos de existir; Moradores do Lixão de Aguazinha.

RESUMEN

Esta es una investigación cualitativa basada en la fenomenología, que tiene como objetivo comprender los modos de existir de una familia que vive en el *Lixão de Aguazinha*¹. La comprensión se dio a partir de las narraciones de una familia compuesta por padre (37 años), madre (38 años) y siete hijos, cuya franja de edad varia de los 3 a los 16 años a cerca del modo como la familia vive, habita, trabaja, sus valores, anhelos, deseos, como se relacionan unos con los otros, cual los espacios que cada miembro de la familia ocupa en la vivienda y de que manera eso ocurre. Los resultados fueran sometidos a una análisis comprensiva y muestran una familia pobre y numerosa que preserva la jerarquía en las relaciones familiares; valora la privacidad de la pareja, y de los hijos; tiene en el respeto y afecto la base de la relación conyugal y filial, que se encuentra apoyada en el diálogo de la pareja con los hijos y entre sí. El trabajo de catear basura para reciclar en el *Lixão*, fue una estrategia que la familia encontró para supervivir. Destaco, aún, que por vivir y trabajar en un sitio destinado a la basura el sentimiento de esta familia es que son “las personas más pobres del mundo”. El valor que atribuyeran al trabajo fue de ser “mejor trabajar en el Lixão, que robar”. El interés fue producir conocimientos que ofrezcan subsidios a los profesionales de la psicología o áreas afines, así como a las políticas publicas e sociales, que los lleven a adoptar practicas más cercanas de las necesidades presentadas por estas personas.

Palabras-clave: Familia; Modo de existir, Habitantes del Lixão de Aguazinha.

¹ Lixão es una grande área de tierra en donde se deposita basura. Aguazinha es el nombre del barrio en que queda este depósito de basura.

ABSTRACT

This is a phenomenological-based qualitative research that aims at understanding the ways of life of a family living at Lixão de Aguazinha². The comprehension was based upon the narratives of a family, composed by father (37), Mother (38) and seven children with ages ranging from 03 to 16 years old. It covers aspects such as: life, accommodation, work, values, hopes and wishes, the relationship among the family members, the space each member takes in the house and how it occurs. The narratives have been recorded on tape cassettes and then written literally. The results have been submitted to a comprehensive analysis and point out that a poor and large family preserves the family relationship hierarchy, and values the couple's and the children's privacy. Respect and affect is on the basis of the marital and filial relationship and is supported by the dialogue between the couple and with the children. Work collecting recyclable materials at the Lixão was a strategy the family has found to survive unemployment and hunger. It is highlighted the fact that, because they live and work in a space where garbage is thrown, the family feels they are the poorest people in the world. The value they attributed to their work is that it is better to work at the Lixão than to steal. The interest (of this research) was to produce knowledge that may come to help psychology professional and other related areas to start a practice which is closer to the needs presented by this population.

Key words: Family, Ways of existing, Inhabitants of the Lixão de Aguazinha

² Lixão is a large piece of land where garbage is thrown. Aguazinha is the name of the neighborhood where this garbage disposal area is located.

1. O PROBLEMA EM QUESTÃO

O que nós temos que botar na cabeça desses povo é que nós num cata lixo e nós num semos lixo, nós semos é baguiador de material reciclável. O pobrema é que tem gente dali que se mistura com o lixo aí pensa que é lixo e nós precisa de saber que nós não semos lixo, nós semos é gente e não lixo.

D. Zezé, 64 anos*

Miséria e pobreza sempre foram temas de pesquisas das Ciências Humanas e Sociais, porém, nas últimas décadas, estas pesquisas vêm tornando mais evidente esse cenário triste e cotidiano em nosso país.

Minha vontade de atuar, profissionalmente, com a população pobre teve início nos estágios oferecidos pelo Curso de Psicologia da FAFIRE, em comunidades de baixa renda. Os estágios da Clínica nas Comunidades eram facultativos para os alunos, mas permitia-lhes experimentar uma nova perspectiva do olhar e da escuta, principais instrumentos do psicólogo. O estágio fora da faculdade proporcionava vivenciar um outro campo de atuação do psicólogo clínico, que ia muito além da Clínica de Consultório, uma vez que ampliava nossa experiência de ser-com-o-outro na relação profissional.

Quando em contato com a comunidade, cujo nome falava de vida, “Água Viva”, o primeiro sentimento que emergiu em mim foi o de estar fazendo uma viagem insólita dentro de um compêndio de Psicologia.

Naquele local, tudo se podia “observar”, “pegar”, “sentir”, só que de uma forma diferente da relação estabelecida através dos livros. Ali, a relação era vivida, experienciada.

* D. Zezé é catadora de material reciclável no Lixão de Aguazinha, em Olinda, há muitos anos. Atualmente, é presidente da ARO – Associação dos Recicladores de Olinda. Este trecho de sua fala foi retirado de uma conversa informal que teve com a pesquisadora, em março de 2003.

A Psicologia Clínica voltada para o social era aplicada de um modo diferente dos padrões da Clínica de Consultório. O “setting” terapêutico, por vezes, era o meio da rua, a calçada em frente ao domicílio, em baixo de uma árvore ou o próprio domicílio. Compreendíamos, com isso, que a Clínica na Comunidade permite-se numa distância diferente da Clínica de Consultório. Sua aplicação é mais diretiva, não no aspecto de uma relação intrusiva, mas, dialógica, vivencial.

No contato com as camadas populares, percebi-me impregnada de conceitos e preconceitos, que foram construídos ao longo de minha vida, através dos ditados populares pejorativos, que insistem em denegrir algumas representações sociais, tais como negros, pobres, loucos, mulheres, homossexuais, entre outros. Meu conceito sobre ser pobre, por exemplo, necessitava de reformulações, de uma nova maneira de olhar. Não que eu acreditasse que o pobre não pudesse ter desejos, depressão, sonhos, vontades; que não era gente, humano, ou ainda, que sua “condição humana” fosse oposta a de outras camadas sociais, não. O preconceito que percebi em mim refletia uma construção social sobre o que é ser pobre, acarretando uma falta de respeito à condição humana deste sujeito. Ser pobre é não ter poder, conseqüentemente, deduzimos que o pobre não tem direito a desejar, nem sonhar, devendo acatar tudo o que a sociedade lhe impõe.

Após o estágio acadêmico, surgiu uma oportunidade de fazer um trabalho profissional e voluntário, como co-participante na instalação de um Centro de Atendimento Psicológico, naquela mesma comunidade. Permaneci ali em “Água viva”, por mais um ano e meio.

Quando iniciei o mestrado, direcionei a pesquisa para aquela comunidade, uma vez que já me era bastante conhecida. Porém, poucos meses após ter iniciado o mestrado, fui convidada para trabalhar com as famílias da comunidade do Lixão de

Aguazinha, em Olinda – Pernambuco, e assim, tanto o projeto quanto o percurso dado a esta pesquisa foram repensados.

Na comunidade do Lixão, meu interesse voltou-se para os modos como uma família extremamente pobre, morando num depósito de lixo e tendo como única forma de sobrevivência material: trabalhar na catação deste lixo, organiza a si mesma e a sua existência.

É o modo de ser sujeito e sustentar vínculos familiares, em condições tão adversas, que me interessava compreender. Considero que, apesar das inúmeras pesquisas científicas realizadas com a população pobre, esta ainda não é suficientemente considerada pelas Políticas Públicas. A este respeito, Carvalho (2002) ressalta que

sem dúvida, é preciso constatar que a família [especialmente a pobre] tem sido uma ilustre desconhecida pela política social brasileira. Em realidade, as atenções hoje prestadas à família são extremamente conservadoras [e] inerciais. (CARVALHO, 2002, p.101)

Na sociedade brasileira atual, a pobreza, o descrédito e a ausência de direitos humanos, são experienciados por uma grande parte da população. Trabalhar com uma camada social que experimenta em sua história a exclusão significa trazer à cena o que é considerado lixo, resíduo humano, impurezas, o que se deve excluir. Silva (2003, p.106) diz que:

Lixo contrapõe-se à idéia de pureza e as sociedades modernas têm como referencial básico a imagem do “clean”, do branco, do imaculado, do limpo, do higienizado, do detetizado, do despoluído, do incluído. (SILVA, 2003, p. 106)

Lixo, segundo Douglas, citada por Woodward (2003, p. 47) é “matéria fora do lugar”. De acordo com esta autora,

uma reflexão sobre a sujeira envolve uma reflexão sobre a relação entre ordem e desordem, o ser e o não ser, o formado e o informado, a vida e a morte (WOODWARD, 2003, p. 47)

Morar no Lixão e sobreviver da catação do lixo é ser um homem-gabiru. É ser excluído do lugar de humano e se construir a partir do lixo, do que encontra no lixo, do que come do lixo, pois, como afirma a mesma autora:

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias (WOODWARD, 2003, p. 42-43).

Vivemos num sistema econômico que, de uma forma muito acelerada, amontoa a pobreza nos mais diversos cantos do mundo: fora do centro, nas margens, periferias, bem distante dos nossos olhos, porque não suportamos olhar para aquilo que nos incomoda. Para estar incluído num sistema capitalista, ter poder é imprescindível. Só compra quem tem dinheiro, quem não tem ... rouba, pede, tira, cata no lixo de quem tem. Come lixo.

Ao longo da História do Brasil, a injustiça e a exclusão social vêm sendo praticadas por algumas camadas sociais, por se julgarem superiores em relação a outras. A abrangência desta hostilização, que anteriormente foi dirigida a apenas alguns grupos – tradicionalmente colocados à margem da sociedade, como é o caso dos índios e negros-escravos – passou a afetar todos aqueles que estão “destituídos dos instrumentos que, na sociedade capitalista, conferem poder, riqueza e prestígio” (SARTI, 1995, p. 11); ou seja, dinheiro, posição social, emprego, escolaridade, moradia, entre outras coisas, passaram a servir como a principal ponte de ligação entre o que é normal e aprovado pela sociedade capitalista, e aquilo que deve ser, definitivamente, expurgado para longe desta sociedade.

Não podemos trazer à cena o negro-escravo do séc. XVII ou XVIII, como principal exemplo da exclusão social no Brasil de hoje porque, naquela época, ele

não era considerado sequer humano, assim como é afirmado por Neder (2002, p. 30): “a escravidão justificava-se pela inumanidade dos africanos”. Muito embora, hoje, saibamos que esta problemática nada tinha a ver com a real inumanidade dos negros ou incapacidade intelectual destes, mas, com a dificuldade dos “brancos”, para abrir-se à compreensão das diferenças culturais entre o Brasil e a África. Mesmo assim, o descrédito e a intolerância perduraram por longos anos e ainda são facilmente percebidos quando o assunto se refere aos negros.

As formas de agir com os negros, no passado, estenderam-se às camadas populares. Pobre parece sempre significar “marginal”, no sentido da margem, do externo, do que está longe de ser “como nós”. Pobre parece, também, representar bandido, aquele que mete medo, que é agressivo, que é feio, sujo, que é lixo.

O pobre, na realidade, pertence a uma categoria classificada por Guareschi (1992), como a dos “excluídos”, que assim a define:

O excluído não existe por si mesmo. Ele é uma realidade sempre ligada a outra. Se digo que alguém é excluído, devo logo perguntar: Excluído de onde? Ou: excluído por quem? O ser excluído de algum lugar, implica que exista esse outro lugar (GUARESCHI, 1992, p. 07).

Por isso, falar de uma família que mora no Lixão é indicar que existe exclusão e que só através da relação com esse “excluído” social é que melhor podemos apreender sua realidade, seus modos de ser e viver. Os moradores do Lixão ou catadores de lixo, misturados ao lixo, escondem-se da sociedade que julga ser diferente deles. Dizer a um catador de lixo que o lugar que trabalha é insalubre ou que não deve morar naquele local ou comer o que acha no lixo, que ali não é o seu lugar, é o mesmo que destituí-lo de sua identidade; desapropriá-lo da comunidade que lhe reconhece como igual; desalojá-lo do lugar que se sente seguro.

A identificação com o lugar de trabalhar ou morar, mesmo que este lugar seja um depósito onde se coloca o lixo, coloca-o na condição de incluído, porque, como afirma Woodward (2003)

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD, 2003, p. 39)

Na diferença, podemos enxergar não somente o que nos é estranho, como também, o que se assemelha a nós, à humanidade, e nela admirar a plasticidade inerente ao humano, com a capacidade de criar arranjos e estratégias de sobrevivência.

Se as vozes dos que são colocadas à margem forem simplesmente silenciadas ou anuladas; se suas lutas forem retiradas do palco da história social, de que forma veremos a potência e a multiplicidade de suas invenções? Essa aversão à diferença levou-nos a desenvolver conceitos, métodos e técnicas, e porque não dizer, “domínios de saber”, que costumam “apagar” tais diferenças. Instituídos, certos modelos de verdade dicotomizam o cotidiano em: bom x mau, normal x anormal, capaz x incapaz, certo x errado, incluído x excluído.

Questionando os conceitos, métodos e técnicas, criados na ciência, numa tentativa de aproximar o pesquisador/cientista/psicólogo da “verdade” sobre o objeto de sua pesquisa, surgem novos pensadores, tais como Nietzsche, Heidegger, Kuhn, Hursel, Merleau-Ponty, Morin, entre outros, que implodem o modelo de pensamento linear e disciplinar, dando lugar a um novo paradigma que re-liga o homem às coisas do mundo. Este processo de mutação faz surgir um novo modo de pensar e agir, resignificando, assim, o lugar do homem no mundo. Prima, não por uma verdade única, universal, mas por um homem múltiplo em sua unidade, indizível. A novidade

do pensar, que emerge desta ebulição, reconhece a alteridade e a excelência contidas em cada ser-que-aí-está.

Almeida (1998), em oposição ao pensamento linear, enfatiza que surge, hoje, uma nova tendência de pensamento: “o pensamento complexo”, que desafia o homem a atitudes “pouco disciplinares”, primando por um pluralismo dos “pontos-de-vista” e dos saberes, do vislumbamento do mistério das coisas, do enigmático. Assim, a autora afirma que

a obsessão pela predição e controle, que encarcerou as idéias de homem e de mundo em conceitos contaminados pela racionalidade fechada, abre-se hoje a uma nova e bem-vinda obsessão: a compreensão poética das coisas (ALMEIDA, 1998, p. 20).

Novas descobertas ou idéias não surgem simplesmente do nada, fundamentam-se em conhecimentos que foram explorados ao longo do desenvolvimento da humanidade, facilitando o surgimento de outros modos de viver, de outras novas idéias. Critelli (1996) ressalta que o fato de terem surgido métodos e processos que nos permitem controlar alguns fenômenos e criar outros, *não* “alterou nossa condição ontológica da inospitalidade do mundo e da liberdade humana” (CRITELLI, 1996, p. 21). Ou seja, apesar do homem haver desenvolvido e se apropriado da técnica, sem uma ética que acompanhe este desenvolvimento, o mundo continuará a lhe ser hostil. Diz Wittgenstein (1992, p.187) que “mesmo que todas as questões científicas possíveis sejam respondidas, os problemas da vida ainda não terão sido sequer tocados”.

A fome, por exemplo, é o grande mal da humanidade. Embora venha sendo estudada pelas mais diversas ciências (políticas, sociais, humanas, econômica), a problemática da fome parece se alastrar pelo mundo, sem controle. No final dos anos 30, o médico nordestino Josué de Castro alertou o mundo para o problema da fome e da miséria, metaforizou sua visão futurista nos “seres humanos feitos de

carne de caranguejos, pensando e sentindo como caranguejos [...] seres anfíbios, meio homens e meio bichos” (CASTRO, 1984, p.18). Os homens-caranguejo, sofreram uma metamorfose, tornaram-se homens-gabiru, homens do lixo.

Como num modo de deixar mais claro o sentimento do que é ser um catador de lixo, destaquei em epígrafe, na página 10 deste capítulo, a concepção de uma mulher que vem há quase duas décadas experimentando o sentimento do que é ser pobre, trabalhar e sobreviver dentro de um Lixão. D. Zezé não é participante desta pesquisa, mas, quando, com muita propriedade, me disse que “tem gente dali que se mistura com o lixo, aí pensa que é lixo”, compreendi naquelas palavras o sentimento que circula entre os catadores de lixo, mas de forma muito velada. As palavras de D. Zezé reproduzia a mesma idéia elaborada por Josué de Castro (1984, 18) quando se deparou com seus homens-caranguejo nos mangues do Recife.

Josué de Castro traduz, na frase acima mencionada, a fome e, ao mesmo tempo, o subemprego a que estão submetidos os pobres que, sem perspectivas de melhoras, embrenham-se nos mangues e lixões. Misturados aos caranguejos e ao lixo, vão sobrevivendo deles, mostrando, ao mesmo tempo, que fazem parte, à parte. D. Zezé traduziu o sentimento a respeito dos catadores de lixo, intuitivamente, sem nunca ter ouvido falar em Josué de Castro.

Luiz Gonzaga, cantor nordestino, nascido lá no sertão do Pajeú, vestindo um gibão de couro e trazendo no peito uma sanfona, foi consagrado “rei” do baião e, através de versos e prosas, tornou-se também um mensageiro; saiu pelo mundo afora, cantando as tristezas do povo sertanejo que padece com a seca do sertão e que ao invés de comer arroz e feijão, mata sua fome comendo palma³ ou, então, aceitando a “esmola” que lhes é dada.

³ Palma - Tipo de vegetação típica de regiões áridas e secas. Comumente encontrada no agreste e sertão por ser muito resistente à seca. É também servida como alimentação para o gado.

Nos anos 80, a fome é mais uma vez protagonizada por Herbert de Souza. O Betinho, como era mais conhecido, foi um sociólogo que dedicou sua vida às questões da fome. Em sua luta, buscou solidariedade e consciência do povo que come a respeito daqueles que têm fome.

Isto revela que somos seres sociais e que não sobrevivemos no isolamento; para preservar nossa singularidade, necessitamos do outro. Significa, também, politizar a diferença. O sentido de político, aqui, remete-nos às proposições de Hanna Arendt (2000), quando revela que

de todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas, somente duas eram consideradas políticas e constituintes do que Aristóteles chamava de *bios politikos*: a ação (*práxis*) e o discurso (*lexis*), dos quais surge a esfera dos negócios humanos [...] (ARENDR, 2000, p. 34)

A palavra política, em sua origem grega, *polis*, significa uma ação humana que necessita da constante presença de outros homens. A ação política revela-se no discurso, na negociação com o outro, através da palavra; da retórica; da capacidade de persuasão, sem que sejam necessários usar a violência ou a imposição. A este respeito, Amazonas (2003) afirma que

é, portanto, negociando na *polis* com a diferença que estaremos fazendo política. Não há exercício democrático entre os iguais, é na convivência com a diferença que produzimos a democracia (AMAZONAS, 2003, p. 7).

Desta maneira, acredito que impor a uma camada social o modo de ser de uma outra, cobrar desta as mesmas maneiras de comportar-se daquela, é violentar ao invés de persuadir; é procurar ordenar o mundo entre pessoas melhores e piores, normais e anormais, puras e impuras, que segundo Derrida (1973), é uma tentativa inútil de apagar as diferenças, reduzir as diferenças à identidade no conceito, implicando em instalar relações de poder que oprimem os diferentes, os pobres.

Chamar a família pobre que mora num Lixão de: desestruturada, irregular ou tratar seus membros como preguiçosos, acomodados, desleixados, é legitimar a opressão. Propor políticas de intervenção em seus modos de ser sem escutá-los, sem sua efetiva participação, é excluí-los das decisões sobre suas vidas, é não respeitar sua singularidade ou o exercício de sua cidadania, de seus direitos de escolher e de pensar sobre si mesmos. Sarti (1995), sobre esta visão, ressalta que

[...] os pobres são pensados a partir de uma razão instrumental que não é a sua e suas relações são explicadas por uma lógica que não faz parte de seu universo simbólico, de sua cultura [...] (SARTI, 1995, p.132)

Por isso, reafirmo que a intenção, neste trabalho, é compreender seus modos de existir, a partir das narrativas de uma família que vive em condições de extrema pobreza.

De acordo com o pensamento complexo de Morin (2003), percebo que não posso “garantir” que minha ação ou compreensão servirá à minha intenção; ou seja, ao des-velamento dos modos de existir da família, uma vez que o autor diz que “há uma ecologia da ação”; em outras palavras, quando uma ação é lançada no mundo, muitas vezes, perde-se de nós e de nossa intenção. Independente do meio onde for lançada, tal ação vai interagir com outras ações, podendo redefinir-se a qualquer momento “e seguir direções muitas vezes contrárias àquela que era nossa intenção” (MORIN, 2003, p. 19).

Narrar é uma das ações da fala, compreender é uma das ações da escuta. De acordo com Figueiredo (1994),

[...] não escutamos nada enquanto apenas ouvimos os sons das palavras ou quando nos voltamos para a voz humana que fala, para suas ‘intenções’ etc. **Não é o ‘eu’ que fala que deve ou pode ser efetivamente escutado.** A escuta é a escuta da fala como acolhimento e esta escuta é ela mesma acolher o que a fala nos oferece [...] (FIGUEIREDO, 1994, p. 119 – grifos do autor)

É preciso restaurar o direito do sujeito à fala, à voz, só assim é que poderemos pensar em compreendê-lo. A compreensão acolhe a fala e restaura o sentido daquilo que foi narrado. Recorrendo às contribuições do mesmo autor (1996), que discute as idéias elaboradas por Polany sobre as formas de conhecimento “tácito” e “explícito”, pude apreender, como sendo o “tácito”, aquele conhecimento eminentemente pré-reflexivo ou intuitivo, uma vez que, para Figueiredo, o “tácito” está incorporado aos hábitos “afetivos, cognitivos, motores e verbais” (FIGUEIREDO, 1996, p. 87) de uma pessoa, num nível de experiência em que sujeito e objeto ainda não estão separados. Por outro lado, o conhecimento “explícito” é aquele reflexivo, pensado e, portanto, “[...] está disponível para uma auto-avaliação e para autocorreções. [...] ele é muito mais acessível às críticas do que o conhecimento tácito” (FIGUEIREDO, 1996, p. 88).

O experimento é que proporciona o confronto entre o tênue limite dos conhecimentos referendados: o tácito e o explícito. Este confronto resulta na ampliação e re-conhecimento do fenômeno. Quanto mais experimentos, mais sentidos vão surgindo; e quanto mais nos arriscamos no experimento, mais possibilidades de contatos com novidades acerca do fenômeno. A compreensão que acolhe os significados resultantes do experimento redimensiona a construção de um novo saber. Neste sentido, Guareschi (1992) explicita sua visão sobre a “construção do saber” e define-a da seguinte forma:

Toda pessoa vive construindo seu saber pela experiência e pela “sacação”, pela surpresa gostosa de dar-se conta do significado, pela descoberta repentina e inesperada da relação... É o hãh! que automaticamente nos escapa (GUARESCHI, 1992, p. 09)

O “hãh!” é o momento em que se dá a compreensão das coisas. Analogicamente, podemos pensá-lo como sendo a contemplação daquilo que nos é “estranhamente igual”; ou seja, daquilo que é estranho mas que, através da

significação, torna-se igual, portanto, parte de nós. Por isso, compreendemos que o conhecimento é sublime e único para cada pessoa porque é o momento em que as coisas podem ser tocadas mais facilmente. Deste modo, compreender consiste em dar um sentido àquilo que nos causava estranhamento.

Quando compreendemos algo, quer dizer que fomos afetados e que, de alguma maneira, provocamos no outro a mesma coisa. O sentimento que surge é o que podemos chamar de “nexo” das coisas. Só com nexo, as coisas passam a fazer sentido. Podemos ainda conceber que quando compreendemos fazemos sinapses que interligam uma coisa a outra, um sentido a outro, um conhecimento a outro. Com isso o conhecimento se amplia, dando-nos a possibilidade de se sair do círculo, e entrar na rede, em busca de outras verdades, de outras respostas.

Tal discussão leva-nos a pensar que a elaboração de programas ou serviços sociais de assistência, principalmente os que são dirigidos às camadas sociais populares, necessitam basear-se em trabalhos que sejam criativos, construtivos, efetivos, geradores de renda e afetivos, em prol de uma consciência de si, atribuindo responsabilidade pessoal sobre si, de forma que permita à democracia o convívio com as diferenças, primando pela “ética da compreensão” que Morin (2002) tão bem defende e que “se explicita quando compreendemos que cada ser humano é, ao mesmo tempo, múltiplo em sua unidade” (MORIN, 2002, p. 18).

1.1 – Família: um lugar de idealizações.

As expectativas em relação às famílias e o próprio conceito de família vêm sofrendo transformações nas Ciências Humanas e Sociais, mas, de forma geral, ainda concentram alguns modelos como, por exemplo, a tradicional família burguesa ou pela moderna família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. A História do Brasil Moderno vem marcando essas transformações, através dos movimentos sociais organizados (sexistas, étnico e de gênero, por exemplo) que surgiram, desde a Segunda Guerra Mundial e têm proporcionado à humanidade ampliar novos modos de ser, de pensar e de existir, sugerindo “novos arranjos” familiares, dentre os quais, podemos elencar as famílias recasadas, famílias homossexuais, monoparentais (sendo esta última muito comum nas camadas pobres), entre outras.

Porém, apesar dos movimentos, nesses novos arranjos, há famílias que ainda são compreendidas como “desajustadas”, “irregulares” ou até “anormais, uma vez que não seguem padrões ou modelos ditados como sendo os mais adequados ou quando não preservam os tradicionais. Giddens (2000) sugere que

a família é um local para as lutas entre tradição e modernidade, mas também uma metáfora para elas. Há talvez mais nostalgia em torno do santuário perdido da família do que em qualquer outra instituição com raízes no passado. (GIDDENS, 2000, p. 63)

Romper com a tradição presume uma ação de potência na incerteza porque as ações contêm um resultado inteiramente imprevisível.

Os estudos acerca da história da família, tanto do ponto de vista antropológico quanto sociológico, mostram-nos as transformações pelas quais têm passado esta instituição, ao longo dos tempos, desde a noção de parentesco até à formação do conceito moderno de família.

Salvaguardando as transformações e reconfigurações pelas quais a família vem passando nos últimos séculos, e que variam de uma sociedade para outra, a família é ainda apontada como a principal responsável pelo sustento, criação, proteção, educação e desenvolvimento biopsicossocial de seus membros, visando a uma melhor qualidade de vida. A principal tarefa da família é acolher e proteger cada um de seus membros, bem como, prepará-los para a vida, de modo que possam ser incluídos, afetiva e efetivamente como seres sociais, comunitários, cidadãos. No entanto, sabemos que idealizações são apenas expectativas, não garantias.

Nesse sentido, Carvalho (2002) diz que

[...] a família vive num dado contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas possibilidades e potencialidades. É preciso olhar a família no seu movimento... (CARVALHO, 2002, p. 15)

Quando o ambiente de moradia e de trabalho não oferecem qualquer segurança ou estabilidade a uma família, a vulnerabilidade social desta cresce, colocando-a entre as fronteiras da legalidade *versus* ilegalidade, tornando a garantia e os direitos de cidadã, cada vez mais precários e ineficientes.

Sarti (2002) revela que, em termos de funcionalidade econômica e tendo como sistema sócio-econômico o capitalismo, como é o caso do Brasil, a família passou da “*unidade de produção*” à “*unidade de consumo*”. Sabemos que, com isso, as camadas sociais mais pobres foram as mais prejudicadas, uma vez que não conseguiram acompanhar a desenfreada “caça aos tesouros” proposta por um capitalismo selvagem, por uma ética do consumo, ou mesmo, pelo desenfreado movimento do mercado descartável, bem conveniente ao sistema social vigente, mas, não às evidentes diferenças sociais e econômicas que existem em nosso país.

Embora este estudo não pretenda tratar, especificamente, as questões políticas do país, vi que não seria possível “olhar” para a família pobre sem

mencionar tal tema. As questões políticas estão, de tal forma, imbricadas no contexto que envolve esta camada social que desprezá-las seria, de certa forma, reduzir o fenômeno que estou estudando.

Realizar um estudo sobre uma família moradora do Lixão de Aguazinha é, sobretudo, um grande desafio, principalmente, porque aponta, veementemente, questões sociopolíticas, tais como, a fome e o subemprego, conseqüências das desmedidas ações “politiqueiras” que acabam ventilando uma violência social cada vez mais acirrada, no entanto, este mesmo desafio mobiliza-me, enquanto ser humano, à compreensão do fenômeno.

Buscando uma melhor compreensão acerca de como organizei este trabalho, no primeiro momento, serão apresentados “um modo de fazer pesquisa”, situando o leitor tanto no que diz respeito ao espaço físico da pesquisa quanto ao aspecto psicológico dos participantes, recorrendo às suas narrativas, como forma de exemplificar seus modos de existir.

No segundo momento, conduzirei o leitor a uma compreensão dos modos de existir de uma família moradora do Lixão de Aguazinha, tomando como princípio básico “uma família e sua história”. Assim, como que tecendo uma colcha de retalhos, agrupei pedacinhos de como se originou e o que significa para ela ser uma família, quais os significados que o trabalho tem para os membros de tal família, incluindo o valor do trabalho infanto-juvenil, o estudo, a moradia, o sentido de infância, de pobreza, entre outros temas, por ela própria suscitados.

Por fim, as considerações finais desta pesquisa, que serão apresentadas sob o título “compreendendo e escrevendo sentido”, referem-se ao que pude, no momento atual, compreender sobre os modos de existir da família pesquisada e do que foi possível traduzir de suas narrativas. Como se trata de uma compreensão

fenomenológica não posso dizê-la concluída porque considero a vida um enigma que se revela no constante movimento do devir.

Espero que este estudo contribua para aumentar o conhecimento de profissionais da Psicologia e áreas afins a respeito desses sujeitos sociais, evidenciando suas singularidades. Também, que possa oferecer subsídios para orientar Políticas Públicas que os levem em consideração, de modo a incluí-los no seio da sociedade.

2. UM MODO DE FAZER PESQUISA

2.1 – A que se propõe a pesquisa.

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, numa perspectiva fenomenológica, que se propõe realizar um “estudo de caso” acerca dos modos de existir de uma família pobre, moradora do Lixão de Aguazinha. Segundo Triviños (1987, p. 133), o “estudo de caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente”.

Realizar uma pesquisa é ir em busca do desvelamento do fenômeno que evoca, em nós, questionamentos; que faz crescer, em nós, pensamentos interrogativos acerca daquilo que surge e nos surpreende.

Compreender o fenômeno é revelar o sentido polimorfo sugerido por nossa subjetividade. Para Morin (2003), “a compreensão introduz a dimensão subjetiva no conhecimento”, por isso alerta que “(...) ela é um instrumento sujeito a erros, a mal-entendidos” (MORIN, 2003, p. 126).

Ao tentar compreender os modos de existir da família pesquisada, devemos ter em mente que para qualquer ação que nos lançarmos, haverá sempre a possibilidade de “errar”. Optei, então, por lançar-me à compreensão daquilo que me era desconhecido, ainda que me arriscando ao erro.

Na relação com o desconhecido, podemos aprender como cuidar dele, como compreendê-lo, porque partimos da impossibilidade de predizer o que emerge do humano como novidade, como inusitado. Esta impossibilidade suscita, em nós, cada vez mais disponibilidade, ética e atenção para o que nos aparece como novo.

Moreira (2003, p. 163) revela que “compreender” significa “distinguir a singularidade de cada acontecimento da experiência vivida”. É a experiência vivida pela “Família Silva”⁴ que pretendo desvelar neste estudo.

Valle (2004, p. 86) afirma que “nenhum fenômeno tem apenas um sentido”; ou seja, o fenômeno está aberto para diversas formas de compreensão. Na pesquisa fenomenológica, não há uma compreensão definitiva do fenômeno. Deste modo, dar um sentido ao que for se revelando na narrativa não esgota as possibilidades do fenômeno. Há sempre a possibilidade da aparição de novos sentidos.

A compreensão tomou por base as narrativas de uma família do Lixão de Aguazinha, composta por pai, Lula⁵ (37 anos), pela mãe, Livia (38 anos) e sete filhos com idades que variam dos 03 aos 16 anos, acerca do modo como ela vive, mora, trabalha, quais seus valores, anseios, desejos, como se relacionam entre si, quais os espaços físicos que cada um ocupa na moradia e de que forma isto acontece. As narrativas foram gravadas em fitas-cassete e, posteriormente, transcritas literalmente, com a devida permissão da família. Nossos encontros aconteceram durante três dias, no domicílio da família, e tiveram um tempo de duração que variou cerca de três a quatro horas por expediente.

O vivido da família pesquisada está inscrito na sua história de vida e pode ser captado através das narrativas. A narrativa

[...] se apresenta como o registro da experiência, na medida em que abriga a elaboração dos dados diversos que se sedimentam e desdobram ao longo do tempo de uma vida. Plural e única, a narrativa amalgama a sabedoria e o desconhecido, o refletido e o vivido, o lembrado e o esquecido” (MORATO ; SCHMIDT, 1999, p. 127)

⁴ Nome que escolhi para denominar a família pesquisada.

⁵ Todos os nomes dos participantes são fictícios com o objetivo de preservar suas identidades.

A narrativa é algo muito singular de cada indivíduo, capaz de afetar também nossa própria singularidade por nossa condição de coexistência.

Neste estudo, a narrativa foi utilizada para compreender os modos de existir de uma família moradora do Lixão de Aguazinha.

A partir da questão, abrangente e explicativa, dirigida à família: “Gostaria que vocês pudessem falar um pouco de como é a vida de vocês morando aqui, no Lixão; como vocês se relacionam uns com os outros na família; quais são os sonhos de vocês; enfim, como é a vida para vocês”, dei início à escuta das narrativas.

2.2 - Atores da pesquisa.

Esses grandes artistas dessa vida, os equilibristas da Fé ⁶

Ao falar dos atores desta pesquisa, refiro-me não somente à família que partilhou comigo suas experiências, mas também, a mim mesma, enquanto pesquisadora. No enfoque fenomenológico que tomei como referencial, o pesquisador atua como parte integrante da pesquisa, cujo produto abrange todo o conteúdo colhido e acolhido no estudo; ou seja, vai do primeiro contato estabelecido com a família à compreensão das narrativas que ocultam e revelam o próprio fenômeno ou o que, da relação de intersubjetividade, pude compreender como sendo os modos de existir da família pesquisada.

Trata-se de uma família que vive em extrema pobreza e afirmo isto porque compreendo que construir uma morada, no sentido de casa, lar, abrigo, além disso,

⁶ Trecho da música de Gonzaguinha: Artistas da vida

prover o sustento familiar a partir do que coleta ou “bagulha” num Lixão, coloca-a numa situação que, por si só, fala das limitações de vida a que está exposta.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou recentemente uma reportagem de Marcelo Néri (2003)⁷ em cujo conteúdo o autor afirma que “no Brasil existem 50 milhões de miseráveis ou 28,72% de sua população vivendo com renda familiar *per capita* de R\$ 79,00”. Destes, mais de 60% encontram-se na região Norte-Nordeste.

Esta população é denominada de miseráveis por possuírem renda mensal abaixo de R\$ 80,00, permitindo-lhes, no máximo, a compra de uma cesta básica, por mês.

Para demonstrar a situação de pobreza e vulnerabilidade social da família pesquisada, descrevo sua condição, a partir do depoimento de um de seus integrantes.

Lívia: Aí é aonde vem a complicação do Lixo. Eu tenho trinta reais pra fazer a feira da semana... que não dá, é nove pessoas dentro de casa, aí ela [Tati, filha adolescente do casal] chega, vamos dizer que ela me dê uns quatorze reais, aí eu junto com meus trinta, aí chega ele [Silvinho, outro filho adolescente] e me dá dez... aí é onde eu posso fazer um pouquinho, tirar mais um pouquinho... aí é quando contamos com os filhos.

A narrativa de Lívia, mãe da família, demonstra o sacrifício que é viver sob as condições mencionadas acima, administrando uma casa e uma família tão grande, com tão pouco dinheiro e enfatizando o quanto o trabalho de todos na família, incluindo o dos adolescentes, é importante para garantir a sobrevivência do grupo.

É necessário esclarecer que viver da catação de lixo é um trabalho que não propicia uma renda regular, ao contrário, depende de muitos fatores, tais como, o que é despejado no lixo, intempéries, disputas, brigas e, violência entre os catadores, etc.

⁷ Fonte: página da Internet: www.fgv.org.br: MAPA DO FIM DA FOME; Pesquisa de Marcelo Néri, sob o título: “Mapa da fome II revela 50 milhões de miseráveis”, 26, 27 e 28 setembro de 2003.

De acordo com Minayo (1999, p. 105), “a pesquisa social trabalha com gente, com atores sociais em relação, com grupos específicos”, através da relação de intersubjetividade entre estes atores e a comunidade na qual se encontram, assim como, entre os “atores” e o pesquisador.

Augras (2002) coloca que

a adequada descrição do mundo próprio do cliente e de sua situação atual tem de apoiar-se numa aproximação que procure apreendê-la em sua totalidade. Assim deverão ser repelidos quaisquer procedimentos que visem interpretar o comportamento do cliente, apoiando-se num sistema elaborado, a priori, antes e fora do acontecimento presente. (AUGRAS, 2002, p.13)

Uma compreensão apriorística desfaz-se do que a fenomenologia propõe como “redução” porque a redução é o meio necessário para se apreender o significado do fenômeno. Como diz Augras (2002, p. 16), “a redução não é uma operação finita, refaz-se constantemente”.

Compreender o significado de um fenômeno é jamais alcançá-lo como um fim, mas como possibilidade, como um devir.

Como pesquisadora, da Psicologia Clínica no social, tive a intenção de ilustrar os males sociais da exclusão, da miséria e da fome, para fomentar uma Psicologia Clínica que se permita abraçar ações que promovam cada vez mais intervenções de acolhimento e respeito à alteridade daqueles que nos pareçam estranhos, através da compreensão, da fala e da escuta.

A compreensão, a fala e a escuta, são intervenções de acolhimento que só se revelam no experimento, no contato, na dialogicidade da relação com o outro “diferente”. Além disso, facilita, tanto ao profissional pesquisador ou psicólogo quanto ao “outro”, pesquisado ou cliente, um “escutar” que não esteja encarcerado apenas no ato de ouvir, mas sim, na dimensão possibilitada pelas trocas abertas,

multiplicando a visão do fenômeno contido nos modos de ser, de existir e de fazer escolhas.

O pesquisador ou psicólogo, como ser-no-mundo, não consegue se desnudar por inteiro de seus conceitos e pré-conceitos, da sua moralidade, julgamentos... enfim, de sua mundanidade. Isto pode gerar conflito entre si e o mundo, compreendido aqui como o inusitado do outro que emerge na relação de coexistência.

Olhando desta maneira, concordo com a posição de Augras (2002) quando afirma que

ser no mundo significa existir para si e para o mundo, não apenas o mundo da natureza, configurado em termos humanos, mas também, é claro, o mundo social em que o ser com os outros assegura a realidade no modo de coexistência. (AUGRAS, 2002, p. 21)

Tal coexistência permite que o outro também forneça modelos de sua existência. Deste modo, “o pesquisador jamais será neutro e, na medida que faz parte do mundo, o constitui e é constituído por este, o conhece, este mundo lhe é familiar”, (MOREIRA, 2003, p.166). Assim, o pesquisador/psicólogo não consegue se pensar “neutro” porque está imbricado na tessitura da vida, faz parte dela.

Destarte, o profissional mostra-se, então, como “co-participante junto ao seu sujeito vivencial” (VALLE, 2004, p. 85), buscando compreender o fenômeno a partir da própria perspectiva deste.

Acredito que tal compreensão é ímpar porque só aparece ou só é produzida, através da interseção e da intencionalidade também ímpar, que se dá a cada novo contato do pesquisador e pesquisado ou psicólogo e cliente.

Para Forghieri (1993, p. 15), “a intencionalidade é, essencialmente, o ato de atribuir um sentido; é ela que unifica a consciência e o objeto, o sujeito e o mundo”. A intencionalidade, portanto, revela o encontro do homem com um mundo que tem

significados e que transcende seu próprio significado, tornando-se o modo de ser do sujeito. Deste modo, como Augras (2002), aposto que

[...] a atualização mútua do homem e do mundo expressa-se como construção recíproca de sistemas de significações, mediante a qual cada indivíduo recebe dos demais as chaves para a compreensão do mundo, e pode então devolver a sua própria elaboração [...]
(AUGRAS, 2002, p. 21)

Isto porque uma compreensão baseada apenas na subjetividade do pesquisador, criada a partir do seu próprio olhar, é mundana. Este olhar precisa, então, estar pautado no fenômeno que surge, do sentido que emerge, na relação que se estabelece entre um e o outro, isso é o que vai reproduzir algo que não é mais do pesquisador nem do pesquisado, mas do que transcende da relação estabelecida entre ambos.

Dessa forma, minha compreensão a respeito da família pesquisada provém do modo como esta, na relação comigo, definiu-se em suas narrativas. Como que tecendo uma colcha de retalhos, tal família lançou-se a um mundo desconhecido, em pedaços e por inteira. Amiúde, ora mostrando-se, ocultando-se, revelando suas vivências; ora velando-se, e assim foi produzindo uma constante aparência nos seus modos de existir, na sua cotidianidade.

Através da narrativa, tudo está imbricado num só momento e dividido em tempos: presente e passados, refletidos, sentidos, vividos, assim como nos esclarece Augras (2002):

Longe de ser exterior ao homem, o tempo é extensão e criação da realidade humana. É paradoxalmente condição de sua existência e garantia de sua impermanência. Porque o homem cria o tempo, mas não o determina. (AUGRAS, 2002, p.27)

O tempo presente é, fundamentalmente, o tempo do vivido porque “a vivência é sempre imediata, anterior a qualquer interpretação” (HOLANDA, 2003, 173). Assim, compreender o vivido é desvelar o modo de ser como uma experiência

singular revelada nos modos de existir de uma família, através da sua história de vida, do espaço que ocupa no mundo, do seu fazer-se.

O singular de uma família nos remeterá, ora a unicidade do coletivo, ora a multiplicidade do individual. Enquanto narrava seus modos de existir, a família recorreu a todo seu vivido, ao acervo de sua vida mais íntima, mostrando sua enorme generosidade comigo.

A compreensão dos modos de existir de uma família, à luz da fenomenologia, não nos afastará de sua facticidade, tampouco nos aprisionará a esta. Sua facticidade será compreendida como fazendo parte de sua existência humana, em sua contingência, absurda, sem necessidade nem razão (JAPIASSU; MARCONDES, 1990), mas não como algo acabado, imutável, e sim, como um fenômeno apreendido naquele momento da pesquisa e, portanto, que se compromete apenas como uma possibilidade instalada naquele momento, por isso, passível de mudanças.

2.3 - O Lixão em suas dimensões.



Tem gente que chega pra ficar,
Tem gente que vai pra nunca mais,
Tem gente que vai e quer voltar,
Tem gente que veio só olhar,
Tem gente a sorrir e a chorar,
E assim chegar e partir são só dois lados da mesma viagem...⁸

O Lixão de Aguazinha, em Olinda, funciona há cerca de dez anos e tem como endereço a Avenida Perimetral, localizada na periferia da cidade de Olinda-PE. O Lixão de Aguazinha ocupa uma área de 15.000 m² e recebe cerca de 11.000 toneladas de lixo, por mês; em média, 450 toneladas, por dia. Ao Lixão de Aguazinha é destinado todo o lixo doméstico, restos de podas e entulhos da cidade de Olinda.

Dentro da área geográfica do Lixão, estão fixadas as residências de, aproximadamente, 280 famílias, moradoras da comunidade “Morro do Cuscuz” e

⁸ Trecho da música de Milton Nascimento e Fernando Brant: Encontros e despedidas

também do “Alto do Coqueiral”. Nem todos os moradores das comunidades acima citadas sobrevivem da catação do Lixão, mas a grande maioria, sim. Os que sobrevivem da catação denominam-se “catadores”, antes, de “Lixo”, hoje, de “material reciclável”; sobrevivem, principalmente, da renda adquirida com a venda do material que, diuturnamente, recolhem nas “células vivas”⁹ daquele Lixão, vendendo, diariamente ou semanalmente, à ARO (Associação de Recicladores de Olinda), aos “deposeros”¹⁰ ou “atravessadores” que se instalaram dentro do Lixão. Depois de despejado, o lixo é espalhado para que a célula possa acomodá-lo. Quando fica saturada, a célula é desativada, por exibir perigo, devido ao grande montante de lixo que já vem acumulando. Conseqüentemente, os despejos dos carros coletores são removidos para um outro espaço ou outra célula, ainda na área demográfica do Lixão.

2.4 – Como cheguei aos participantes.

Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
e apesar dos pesares ainda se orgulha de ser Brasileiro¹¹

Recebi um convite, como profissional, para trabalhar com as famílias catadoras do Lixão de Aguazinha, em Olinda, Pernambuco, junto ao Projeto Meio Ambiente e Cidadania – PMAC, da Secretaria de Políticas Sociais e Habitação – SPSH, motivo que me impulsionou a redirecionar minha pesquisa para aquela comunidade.

⁹ Célula viva é o nome que se dá à célula ativa ou local onde os carros coletores despejam o lixo que recolhem da cidade.

¹⁰ Deposeros – é o modo como os catadores chamam os compradores que se instalaram dentro dos Lixões e que compram o material dos catadores, revendendo para as empresas que reciclam.

¹¹ Trecho da musica de Gonzaguinha: E vamos à luta.

O morar no Lixão é insólito! Precário por sua falta de infra-estrutura, principalmente, para a comunidade que emergiu dentro do Lixão. A eletricidade chega através de *gambiarras*¹², assim como a água é “puxada” do cano Mestre da COMPESA¹³.

Não há saneamento básico, fossa, nada! Algumas casas são feitas de amontoados de madeiras, pregadas umas por cima das outras, numa tentativa de velar seu interior, mantendo a privacidade das famílias que ali residem. Outras têm como “paredes”, um plástico envolvendo todo o seu exterior. A maioria das coisas materiais que os moradores daquela comunidade têm, provém do Lixão, tais como sofás, cadeiras, ventiladores, colchões, camas, roupas, etc. As pessoas sugam do lixo o alimento diário da sobrevivência, ignorando a insalubridade e os constantes perigos de incêndio e explosões.

Verdadeiros homens-gabiru, numa metáfora inspirada noutra, a de homens-caranguejo, de Josué de Castro (1967), são “sujeitos sem nenhum lugar, (...) banidos sem nenhum alimento (...) ratos humanos, lixíveros” (SILVA, 2003:109).

As visitas ao local faziam-me refletir sobre como era possível viver num lugar como aquele; pensar acerca do existir humano, sobre como os catadores se viam enquanto humanos, cidadãos. Estes questionamentos fortaleceram o redirecionamento de minha pesquisa para aquela comunidade. E diante disto, conversei com minha orientadora, que acatou sem problemas.

O passo seguinte foi pedir permissão à coordenadora do PMAC para executar a pesquisa, não encontrando, também, empecilhos. Por fim, comuniquei aos meus colegas de trabalho.

¹² Gambiarra, na linguagem popular, significa fazer uma ligação clandestina, sem autorização da instituição, nesse caso, sem autorização da CELPE (Companhia de Eletricidade de Pernambuco).

¹³ COMPESA: Companhia Pernambucana de Saneamento.

Passados alguns dias, uma colega disse ter encontrado uma família que considerava “legal” para a pesquisa. Como eu não havia decidido por qualquer modelo ou definição de família, fui até a casa indicada pela colega, a fim de conhecê-la. Chegando lá, a colega apresentou-me como “a nova psicóloga do projeto” e fiquei sozinha conversando com Lívia, a dona da casa. Foi meu primeiro contato com a família, que será narrado a seguir.

2.4.1 – [...] Bonito é que gente é sempre assim tão diferente de gente e que na sua riqueza revoluciona, ensina...¹⁴

Cheguei à casa da Família Silva, à tardinha. A primeira pessoa da família a ser abordada foi Lívia, uma mulher falante e desinibida, que, na família, era a mãe de sete filhos e mulher de Lula.

Apesar da apresentação inicial feita por minha colega, isto é, de que eu era a nova psicóloga do PMAC, senti necessidade de me reapresentar, explicando o real objetivo de minha visita. Estabelecemos, então, um breve diálogo:

Pesquisadora: Olá, boa tarde! Eu sou estudante e estou precisando pesquisar sobre uma família. Seria possível ser com a de vocês? [Lívia, sorridente, nos olhou de cima até em baixo, e respondeu]

Lívia: *Claro! Só num sei se vai servir. É pra falar sobre o quê? ... Se a gente puder ajudar, fique à vontade.*

Pesquisadora: Posso entrar para explicar melhor? (...) quantas pessoas ao todo moram nesta casa? [Lívia ainda sem fazer convite algum para que eu entrasse, respondeu]

Lívia: *Eu, meu marido e nossos sete filhos.*

Pesquisadora [não contém a admiração]: Sete filhos! Então, são nove pessoas ao todo?

¹⁴ Trecho da música de Gonzaguinha: Coisa mais maior de grande

Lívia: *Isso mesmo.*

Pesquisadora: Que maravilha! Então, você poderia consultar a família para saber se eles querem participar?

Lívia: *O que você quer saber? Pergunte que eu respondo.*¹⁵

Pesquisadora: Não é só uma pergunta, não. Eu queria a permissão de toda a família para poder observar como vocês vivem. Esse será o meu trabalho.

Lívia: *Tá, e você quer fazer isso agora?*

Pesquisadora: Não, que já é tarde. Eu posso vir amanhã se não for atrapalhar vocês... Posso?

Lívia: *Pode.*

Pesquisadora: Então, amanhã chegarei por volta das nove ou dez horas, está bem?

Lívia: *Pode ser.*

Lívia não me convidou para entrar e nosso contato não durou mais que cinco minutos. Decidi ali mesmo que esta família participaria de minha pesquisa. Marcamos, então, um novo encontro.

Até aquele momento, eu ainda não havia definido quantas famílias iria ouvir. Somente após a transcrição das narrativas desta família, juntamente com minha orientadora, percebi que havia uma grande quantidade de relatos para serem analisados. Além disso, a riqueza do material que tinha em mãos, levou-nos a optar por fazer um estudo de caso.

¹⁵ É tão comum as comunidades de “baixa renda” serem constantemente, visitadas ou “invadidas” por pesquisadores do Censo, por técnicos do PSF (Programa de Saúde da Família), do Conselho Tutelar e por vários outros projetos vinculados ao governo, igrejas, escolas, etc, que a resposta de Lívia pareceu-nos ser uma reação a mais uma destas pesquisas. E por se tratar de uma psicóloga do PMAC, poderia entender tratar-se de perguntas ligadas a algo do projeto.

Os depoimentos foram colhidos com toda a família presente e, muito embora alguns dos membros da família não tivessem falado, foram representados pelas falas dos demais participantes e pude observar suas expressões, ações, atitudes, etc.

A Família Silva revelou-se uma família recasada e o casal “*vive junto*”¹⁶, há dezoito anos. Além de Lula e Lívia, havia sete filhos, provenientes desta relação, que nomeamos da seguinte maneira: Aninha (03), Davi (05), Beta (07), Pedro (09), Beto (12), Tati (14), Silvinho (16).

Os pais têm filhos de relacionamentos anteriores. Lula foi pai, aos 14 anos, tem um filho com 23 anos que, após a separação dos pais, foi criado pela mãe e avó materna. Lula mantém pouco contato com este filho. Lívia foi mãe, aos 17 anos, de uma menina que, hoje, está com 21 anos, decorrente de um relacionamento que não deu certo. A menina foi criada pela avó, mas Lívia trabalhava e manteve sua filha, até os três anos de idade. Após este período, a avó a assumiu e continua, até hoje, criando a neta. Mas Lívia mantém contato com a filha. De um segundo *namoro*, que *pensou que fosse durar*, houve uma gravidez interrompida por um aborto provocado por Lívia. Em sua fala, Lívia diz que *se arrepende até hoje*. Ela tem ainda um outro filho, no momento, com 19 anos, de um outro relacionamento que também não deu certo. O pai e a avó paterna assumiram este filho com o qual Lívia não tem o menor contato.

¹⁶ Casamento formal não realizado ou união consensual.

2.5 - O enigmático amanhã.

O movimento da vida não deixa que a vida seja sempre igual, pois nada se repete, nem o sol...¹⁷

O “amanhã” aconteceu em cada contato que tive com a família durante a pesquisa e a cada encontro, registrei uma nova experiência. Cheguei à casa da família Silva por volta das nove e quarenta e cinco da manhã, como havia combinado com Lívia. O casal recebeu-me no portão e percebi que eles estavam um pouco apreensivos, talvez por eu ser a psicóloga do PMAC, projeto do qual participam alguns de seus filhos e, também, por estarem vinculados à bolsa PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)¹⁸, talvez por não estarem muito seguros das minhas reais intenções, mesmo assim, sorrindo, o casal convidou-me a entrar.

A família parecia estar em casa, apenas à minha espera: o pai Lula, a mãe Lívia e cinco dos sete filhos. Os adolescentes Sílvio (16) e Beto (12) estavam fora, mas Lívia avisou que logo chegariam.

Todos aguardavam a “entrevista”, destacada entre as aspas porque eu não havia me preparado, nem tinha a intenção de realizar uma entrevista, propriamente dita, com perguntas formuladas, a priori, ou a partir de uma temática. Ao contrário, minha intenção era estabelecer uma relação espontânea, uma "conversa" onde as perguntas emergiriam da narrativa dos participantes.

¹⁷ Trecho da música de Gonzaguinha: Coisa mais maior de grande

¹⁸ O PETI é um Programa do Governo Federal, administrado pelas instâncias Federal, Estadual e Municipal. Tem como objetivo retirar crianças e adolescentes de 07 aos 15 e 11 meses de idade do trabalho considerado penoso, perigoso, insalubre ou degradante, ou seja, do trabalho que coloca em risco a saúde e a segurança destes. Como forma de “ajuda de custo” às famílias pobres para que seus filhos não trabalhem, o PETI disponibiliza uma bolsa de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) por filho. Esta bolsa prioriza as famílias com renda *per capita* de meio salário mínimo.

Na minha inexperiência de pesquisadora, naquela manhã, preparei-me apenas para “observar” a família, ou seja, observá-la em seus movimentos espontâneos de ir e vir na casa, o modo de seus membros se tratarem, a forma como arrumavam os móveis da casa; enfim, como aquela família vivia, mesmo que isso parecesse, para ela, que eu não estaria fazendo nada ali. Entretanto, isto não foi possível, pois ao me apresentar naquela casa, seus moradores desejavam saber o que eu tinha ido fazer ali, de outro modo eu pareceria uma intrusa.

Quando entrei, juntamente com o casal, toda a família acomodou-se à minha frente, uns sentando no chão, outros, no sofá; pareceu-me que esperavam que lhes fizesse perguntas, ou melhor, que solicitavam uma explicação sobre o que eu queria de fato com eles. Afinal, estava eu ali para quê mesmo?

Como no dia anterior meu contato fora apenas com Lívia, compreendi que deveria me apresentar aos demais membros.

E assim, os acontecimentos foram ditando o ritmo da investigação. Aceitei uma cadeira que foi oferecida por Lula e sentei em frente à família. Comecei explicando, para todos os presentes, que era estudante e que estava pesquisando sobre famílias. Também, que aquele trabalho tinha por objetivo “estudar” uma família moradora do Lixão: como vivia, morava, como seus membros se relacionavam entre si; enfim, como era o relacionamento deles enquanto família, enquanto casal, enquanto irmãos, quais seus valores, quais seus desejos, ideais, etc.

Expliquei isto, olhando para todos, usando uma linguagem simples, procurando interagir e acreditando que assim incluiria a todos como participantes: pesquisadores e pesquisados, pois, ao mesmo tempo em que era pesquisadora, sentia-me, também, pesquisada, observada; compreendi que estávamos tão misturados que garantir neutralidade seria impossível.

Nas palavras de Moreira (2003), “essa famosa neutralidade científica (...), na verdade, (...) não existe, tratando-se de um engodo!” (MOREIRA, 2003, p. 166)

Essa necessidade de explicar ao outro o que esperamos dele, dá-se quando precisamos comunicar-lhe algo que está sendo vivenciado por nós e que ainda é só nosso. Assim, explicar é, também, um modo de comunicar a nossa compreensão das coisas para um outro. Explicar tem, para quem explica, uma finalidade, um sentido. Sobre o “explicar”, Morin (2003) mostra que nem sempre é fácil, pelo contrário, “(...) a explicação é, em geral, um exercício difícil. (...) Além do mais, a explicação não é suficiente para o conhecimento do fato apreendido” (MORIN, 2003, p. 125).

Na comunicação, além da explicação, existe a necessidade de fazer compreender o que foi dito, caso contrário, a explicação fica vazia, sem sentido e a comunicação incompleta. Assim, após explicar à família o meu objetivo, pedi permissão para gravar tudo o que seria dito, usando, como argumento, que “a nossa memória é falha”.

A permissão foi dada sem que fossem percebidos constrangimentos; o gravador, porém, causou curiosidade nas crianças menores, que ficaram gritando próximos a este, como que querendo imprimir sua voz.

Liguei o gravador e, a partir dali, nossos diálogos foram todos gravados e, posteriormente, transcritos literalmente, na tentativa de não alterar a fala e a intenção dos narradores. Mas, acreditando no que diz Morin (2002) sobre o curso de nossa intenção: “(...) nunca estamos certos se nossas boas intenções vão gerar boas ações” (MORIN, 2002, p.19). O resultado desta pesquisa ia depender do percurso ou sentido dados por nós: “pesquisadores” e “pesquisados”.

A transcrição literal é necessária para quem opta por não interpretar e, de acordo com Meyhy (1996), a transcrição literal

compromete-se ser um texto, recriado em sua plenitude. Com isso afirma-se que há interferência do autor no texto e que ele é refeito várias vezes, devendo obedecer a acertos combinados com o colaborador, que vai legitimar o texto no momento da conferência (MEYHY, 1996, p.74).

O gravador ligado gravava todas as falas, mas não registrava a visão que eu captava daquele modo de morar, de receber pessoas, seus medos, ansiedades, sorrisos. O que emergia do Humano. Por este motivo, apropriei-me também, de papel e caneta e fiz anotações de algumas coisas que fui percebendo e que me chamaram a atenção, como por exemplo, a inquietação das crianças diante de mim, principalmente, de Aninha, a filha caçula, que mamou ininterruptamente naquela manhã, exibindo para mim, em sua boca, o leite que extraia dos seios da mãe; também a estrutura da casa, a arrumação, os móveis, as vestes, entre outros. De uma forma simples, acabei por fazer um “mapeamento”, melhor dizendo, uma “cartografia” dos seus modos de existir, pois o “cartógrafo”, diz Morato (1999)

(...) busca quais as formas de expressão, misturadas a outras, e que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que habitam seu corpo no encontro com os corpos que pretende “entender” (MORATO, 1999, p. 63)

Na realidade, quando me deparei, juntamente com minha orientadora, com o material colhido, que foi gravado em fitas-cassete, percebemos que o que estávamos chamando de “entrevistas” se assemelhavam à narrativa porque nenhuma “estrutura” fora percebida. Isto fica visível nas transcrições.

Na realidade, não houve uma intenção, um *a priori*, uma ordem, um rumo ou qualquer intenção de que isto acontecesse. O sentido que a pesquisa tomou, resultou do que os entrevistados compreenderam quanto ao que se pretendia ali. Afinal, compreender *Os Modos de Existir de uma Família Moradora do Lixão de*

Aguazinha, numa perspectiva fenomenológica, interrogando-a ou criando tópicos para abordá-la, seria o mesmo que impedi-la de um discurso livre, de se mostrar a partir de suas próprias “vivências”. Segundo Holanda (2003), a vivência é

[...] tudo que é experiência interna vivida, ou seja, tudo o que transcorre, a cada instante, no âmbito subjetivo da consciência individual. Esta definição inclui os próprios conteúdos reais, imediatos, da consciência de cada um, os dados perceptivos, representativos e ideativos, as emoções, sentimentos, desejos, decisões, as experiências de êxtase, as dúvidas e ímpetos, enfim, todos os acontecimentos que se entrelaçam numa “corrente de vivências”. (HOLANDA, 2003, p. 172)

A narrativa, por sua vez, aconteceu de um modo mais informal, assemelhando-se a uma conversa em que todos os sujeitos portam-se mais à vontade, mais descontraídos, e isto possibilitou uma melhor fluidez de aspectos íntimos da família, da relação do casal, abrindo espaço para que contasse seus “segredos de família”, seus medos, sonhos coletivos, ou mesmo, os individuais, etc.

Para que isto fosse possível, por três dias, estive presente onde a família morava, em horários variados, sempre disponível para ouvir suas narrativas. Não utilizei um roteiro e minha intenção foi não criar muitas expectativas quanto aos outros dias. A cada encontro despedia-me combinando o horário da próxima visita. Estar por inteira era meu objetivo com aquela família.

UMA FAMÍLIA E SUA HISTÓRIA



O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia.

Só o que está morto não muda!

Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco,

Sem o qual a vida não vale a pena!

(Clarice Lispector)

3. UMA FAMÍLIA E SUA HISTÓRIA...

Cada um de nós compõe a sua história e
cada ser em si carrega o dom de ser capaz
de ser feliz¹⁹

Uma família e sua história... É o recorte das re-lembranças que fui montando a partir da compreensão das narrativas de pessoas que, ao longo de vários anos, encontram-se dia e noite e vivenciam o complexo sentido de ser uma família, catadora do Lixão.

Seus modos de existir revelam a forma como experimentam seus encontros e desencontros, suas contradições, as tensões vivenciadas, além dos diversos sentimentos que, cotidianamente, emergem e se entrelaçam, na relação de envolvimento e respeito entre si e os outros.

A gravação das narrativas teve início a partir da questão, abrangente e explicativa, dirigida a família: “Gostaria que vocês pudessem falar um pouco de como é a vida de vocês morando aqui, no Lixão; como vocês se relacionam uns com os outros; quais são os sonhos de vocês; enfim, como é a vida para vocês”.

Foi Livia, a mãe da família, quem tomou a iniciativa de narrar. A princípio, falou do lugar de mulher experiente que transmite lições de vida às mulheres mais jovens:

Eu digo esses fatos para essas meninas de hoje... Tá boa a vida de casado? Elas perguntam: Dona Livia, por que a senhora pergunta isso? Eu digo: Olha, minha filha, homem não é boneco, homem não é aqueles bonequinhos que você bota a chupetinha nele e bota ele pra dormir, não... um homem requer muita coisa. E elas ficam assim... Perdidas... Perdidas no ar... Porque elas não têm, né? A metade da minha experiência. Eu tenho apenas 38 aninhos, mas vim de uma adolescência ruim. Até porque eu tive que me virar sozinha logo cedo.

¹⁹ Trecho da música de Almir Sater: Tocando em frente

A fala de Livia revela que, aos 38 anos, ela se sente muito experiente, como se já tivesse vivido muito. Demonstra, ainda, que, em sua vida, a luta e o sofrimento começaram cedo. Ao falar sobre o casamento, ensina as mais jovens como deve ser uma mulher e de como esta deve agir quando se casa; ou seja, deve buscar atender as necessidades do homem. Em sua fala: *Um homem requer muita coisa.*

Sexo Frágil, não foge à luta...²⁰

Ao narrar as dificuldades que teve na vida, Livia escolheu começar pela época em que ainda morava com seus pais:

Comecei a trabalhar com 12 anos de idade, em casa de família. No caso, eu fui quase obrigada a trabalhar porque o clima dentro da minha casa... comigo e meu pai num dava pra conviver, aí resolvi trabalhar. De um lado, com o apoio da minha mãe; do outro, eu não tinha o dele (refere-se ao pai), aí eu já tinha um trauma com ele, né? Não aceitei como ele quis... como ele queria, é... conviver comigo. Esse povo antigo, né? Hoje tudo é estupro, tem leis pra abortar uma gravidez dum estupro ou num assédio sexual incubado que a família não tem coragem de denunciar... Então, foi o que aconteceu comigo. Quer dizer, não aconteceu o estupro, aconteceu uma tentativa, um assédio sexual por parte do meu pai, então, eu me revoltei com aquilo e num aceitava e tive que me virar sozinha. Eu saí de casa, fiquei dormindo no trabalho mesmo, [...]

Sua narrativa revela a dura realidade de uma adolescente pobre. Começa a trabalhar precocemente, sem nenhuma formação profissional. O que lhe resta, senão, o trabalho doméstico? É empurrada para o trabalho não apenas pelas dificuldades de ordem financeira, mas, principalmente, pelas atitudes de seus pais. O pai a assedia sexualmente e a mãe só encontra uma forma de “defendê-la”: “apoiá-la” na “decisão” de sair de casa.

²⁰ Trecho da música de Rita Lee: “Cor de Rosa-Choque”

Lívia tenta minimizar sua dor e revolta em relação a esta experiência, atribuindo ao comportamento do pai uma “explicação”: *Esse povo antigo, né?*

Em relação à mãe, o sentimento é ambivalente:

Minha mãe continuou com ele até hoje. Tá com ele, mas me dou super bem com ela... num ficou aquele clima de: nem eu vou lá, nem tu vem aqui, não.

Ela demonstra compreender que a situação de abuso sexual ainda é muito freqüente, hoje, porém, tem encaminhamentos distintos. Já existem órgãos de defesa das crianças e adolescentes, das mulheres, etc, que tentam proteger melhor a vítima.

Para uma maior compreensão, acerca desta problemática, citarei a opinião de Damian e Oliveira (1999), advogados e pesquisadores de casos de assédio que passaram por decisões jurisprudenciais cíveis e criminais e explicam a lei, assistência e garantias. Eles consideram este tema uma questão bastante controvertida. Deste modo, definem o assédio como uma realidade marcadamente cultural:

[...] o assédio faz parte de nossa cultura e vem enraizando em nossas tradições desde a origem da sociedade brasileira, quando os homens tratavam as mulheres como coisas, principalmente as menos afortunadas [...] (DAMIAN ; OLIVEIRA, 1999, p. 21)

O assédio sexual caracteriza-se pelo constrangimento da vítima, que se sente impotente diante do agressor. Lívia deixa ver em sua narrativa a ambigüidade de sentimentos que experimenta. Estas pessoas são seus pais e ao invés de protegê-la, ameaçam-na. O pai, invadindo sua intimidade e desejando-a como mulher; a mãe, abandonando-a, à própria sorte.

As mães das camadas pobres da população, diante desta situação, confrontam-se com um conflito, pois, denunciar o marido que assedia a filha implica numa dupla perda: a do companheiro, e, também, a do provedor.

A respeito da importância dada pelas mulheres desta camada da população, ao fato de terem um homem em casa, Mendonça (2002) diz: “O fato de ter a presença masculina em casa [faz com que a mulher sinta-se] valorizada e detentora de um melhor status” (MENDONÇA, 2002, p. 78)

No caso de Lívia, o assédio partiu do próprio pai, caracterizando assim, a ameaça de se ver envolvida numa relação incestuosa. A figura de pai está representada, tanto no imaginário social quanto no imaginário infantil, como a pessoa que protege e, portanto, a quem se pode ter confiança.

No “imaginário coletivo” (CARVALHO, 2002, p. 15) de família, as figuras de pai e mãe revelam-se, principalmente, nas funções básicas de cuidadores, protetores, provedores. Daí espera-se que estes “cuidados” aconteçam, mesmo que minimamente, independentemente do modelo em que a família está constituída, mesmo que sua situação sócio-econômica não seja estável.

Se o pai aparece como sendo o violador de tal representação, há um rompimento da confiança que foi nele depositada. Este rompimento dá-se tanto com o interdito cultural, que mitifica a relação como um “tabu”, quanto com a figura de confiança que está projetada no imaginário da criança.

Para Miller (1994, p. 190), “o incesto é inegavelmente um abuso de poder pelo adulto; a violação física é freqüentemente dolorosa e amedrontadora para a criança”. É duplamente dolorosa: primeiro, porque a criança é obrigada a passar pelo sofrimento físico; segundo, porque é também obrigada a silenciar sua dor, não apenas física, mas emocional, por medo de sofrer outras violências, tais como abandonos do agressor ou de outros parentes (mãe, irmãos, vizinhos), represálias sociais, portanto, de ser transformada em ré.

O reconhecimento que Livia faz do relacionamento frio e distante que mantém, ainda hoje, com seu pai revela constrangimento e as marcas deixadas nela pelo abuso sofrido:

Agora com ele ainda existe aquele... a gente fala: bença pai, eu beijo ele... mas não é muito normal, não.

O caso de Livia vem acompanhado de um agravante: o pai, que ocupava a figura do agressor, foi quem permaneceu em casa. Livia, na época, com 12 anos de idade, foi obrigada a se afastar da casa e da família, *com o "apoio" da minha mãe*. Provavelmente, "compreendeu" a atitude de sua mãe, na época, como uma medida de proteção, ou seja, ela estava protegendo a filha quando concordou com o seu afastamento de casa, uma vez que Livia menciona que a mãe a apoiou. Esta proteção pode ser compreendida como uma tentativa da mãe de proteger também a si mesma e de manter sua vida junto ao companheiro.

Livia não faz "segredo" do fato ocorrido, e isto, segundo Miller (1994), é uma atitude saudável:

O segredo do incesto, se deixado fermentando dentro do indivíduo ferido, distorce sua experiência de vida e freqüentemente leva a angústia da doença emocional e à dor psíquica implacável" (MILLER, 1994, p. 185)

Mas as seqüelas decorrentes deste episódio manifestam-se na sua vida sexual. Diz Livia:

Afetou só uma parte... minha mais íntima... somente (Livia refere-se à sua vida sexual). Acho que é a única coisa assim que eu não aprendi com o tempo... foi eu viver assim... Mas agora... assim... de ficar com problema mental, não. Não me afetou... quando eu fico nervosa ele (o marido) diz que eu sou doida... mas não é disso aí, não ... (referindo-se ao assédio que sofreu por parte do pai) Acrescenta: Meu nervosismo é do estresse mesmo... eu vivo muito estressada. Mas agora, não sei não... só acarretou um pequeno problema na minha vida. Acho que você já tá entendendo [(falando para a pesquisadora, insinuando que seu problema é na área sexual)].

Ao dizer que seu *nervosismo é do estresse*, Livia parece encontrar uma explicação menos dolorosa para suas dificuldades sexuais, mesmo admitindo, de maneira inibida, que o assédio do pai a afetou em sua parte mais íntima.

Família, Família ... almoça junto todo dia, nunca perde essa mania...²¹

Parecendo não querer mais falar sobre o assunto, Livia prossegue narrando sobre sua família atual:

Aí, em relação a minha família, da que eu fiz, não é, essa aqui é a minha, né? Que eu fiz, da que eu criei, mas antes da minha, eu tive esses problemas, mas, às vezes, eu acho até que eu me prendo muito no problema atrás da gente, né?

Ao falar deste modo, Livia demonstra uma tentativa de superar o passado e passa a considerar, como família de fato, apenas a que constituiu a partir de seu relacionamento com Lula. Mas isto não parece ser uma tarefa fácil. Sua narrativa revela a constante tensão entre os sentimentos de amor filial e o sofrimento pelo assédio sofrido. Sua ausência de desejo sexual é associada à incapacidade de gerar filhos, de procriar, e, numa espécie de expiação, Livia imagina que se não sente desejo sexual não deveria poder ter filhos.

Isto fica mais claro quando comento, em tom de brincadeira, não por desrespeito a sua dor, mas por minha própria incapacidade de suportar o tema: “Vejo que, mesmo assim, tu já fizeste um bocado de menino”. Livia rindo, continua:

É isso que eu não entendo. Era pra eu ser seca mesmo, num ter tido nenhum filho.

Expliquei a Livia que o fato dela não sentir desejo sexual não significa que ela não possa ter filhos. Livia parece compreender racionalmente, mas insiste, tentando

²¹ Trecho da música do grupo Titãs: “Família”

me explicar melhor como gostaria que fosse sua vida sexual com o marido. Busca encontrar um outro modo de, também ela, compreender essa falta de desejo para assim poder completar algo “inacabado” (PERLS, 1973, p. 201) que está em aberto, na sua vida:

Mas é que eu não sei é chegar assim, eu digo assim: Tá aqui meu marido, eu tô sozinha, pinta um clima... mas não chega. É através de muito... Ele é que é mais insistente, ele é que vem, ele é que consegue me levar pr'aquilo ali, porque se depender de mim... é como se eu não tivesse coragem. Uma coisa tão pequena pra mim se torna tão grande.

O marido, brincando, diz:

É danado! E já fez esses meninos todinhos, já pensou? Imagine se gostas se, como era que seria?

Lívia, dando uma gargalhada com o que Lula disse, respondeu:

É, mas, às vezes, eu peito, senão, já tinha uns vinte!

A expressão “às vezes, eu peito” revela que há momentos, na vida conjugal, que ela faz valer sua opinião, seu querer, não se submetendo aos desejos do marido, mas, principalmente, respeitando os seus.

Para compreender melhor como é a convivência do casal no dia-a-dia, perguntei como eles se tratam no cotidiano. Lívia é, novamente, quem toma a palavra:

A gente briga pouco, parte mais de mim as brigas. Às vezes, ele diz umas coisas que batem forte! Aí eu não vou em cima e isso se fecha em mim. Sou muito fechada. Ele fica assim: “Por que você tá triste?”, Eu respondo: “Não, eu não estou triste, não”... e aquilo leva uns dias, depois passa. Se ele faz uma ignorância agora, uns quinze ou vinte minutos depois, ele faz um agrado, isso é uma virtude que ele tem. Tem o direito de homem: de ficar aborrecido, de gritar...agora no limite, não na base da pancadaria, não, ou de palavras agressivas.

Ter o *direito de homem* faz parte de uma visão tradicional do que é ser homem, na qual se prioriza a hierarquia nas relações do marido/pai sobre a mulher e filhos, como afirma Romanelli (2002, p. 75): “o marido/pai exerce autoridade e poder

sobre a esposa e filhos”. Lívia aponta, em Lula, um humor mais flexível que o dela, mas apesar disto, a autoridade masculina aparece na narrativa quando ela reconhece, no marido, o *direito de homem*, de se aborrecer e gritar, embora seja *no limite*, isto é, sem agressão física ou verbal:

A gente arenga deitado... quando está todo mundo dormindo, eu deito de um lado e ele se deita do outro, aí ele diz: “Você e aquilo”. Aí eu digo: “E aí, e você?”. No outro dia, amanhece todo mundo bicudo. Tati pergunta: “O que é que a senhora tem, mainha? E o senhor, painho? Ai, já brigaram de novo!

Pesquisadora: Como é que tu te sentes quando eles brigam Tati e o que tu fazes quando eles estão brigando?

Tati: Eu digo: “Dá pra parar os dois?” Aí mainha pára, aí painho começa e eu digo “Pára, também”. Aí fica um pra cá, outro pra lá. Aí eu digo: “Mainha, deixa isso pra lá”. Mas quando começa esquentar, aí eu saio, eu não gosto de ver, não.

Lívia: Tem casal que discute e vai brigar.

Tati: Mas, mesmo assim, eu não gosto não.

Lula: Ah! Mas eu nunca gostei dessa baixaria de quebrar a casa.

Estes relatos indicam que o casal procura deixar os filhos de fora das suas discussões. Briga à noite, quando está na cama, sozinho. Porém, apesar das brigas se restringirem a discussões, sem agressões físicas, os filhos percebem no dia seguinte, que os pais não estão bem e tentam interceder, principalmente, Tati, a filha adolescente do casal.

Tati é a conciliadora da casa; quando os pais ou irmãos brigam, está sempre por perto, interferindo, procurando harmonizar. É, também, a grande companheira da mãe e confia muito nela, apontando para uma relação de mãe e filha amigas e companheiras.

Lula ainda revela:

Acho ridículo feito os pessoal faz... quebram o pau pra todo mundo vê e, no outro dia, tá tudo bem. Gosto disso não.

Esta é mais uma demonstração deste casal de preocupação e valorização de sua privacidade, de não expor seus desentendimentos nem para os filhos nem para a comunidade.

Diálogo em família não é só coisa para Grã-finos.

O modo de Lula e Lívia lidarem com a autoridade, diante dos filhos, leva-me a compreender que a educação, na família pesquisada, está pautada num modo democrático, em que o diálogo aparece como precursor de um relacionamento que tende para o respeito, tanto entre o casal quanto entre este e os filhos, ainda que fique claro, principalmente, em Lívia, que ela não abre mão de sua autoridade materna. Lula explica, em seguida:

Ôxe, num bato nem nos meus filhos, quanto mais nela. Mesmo porque eu sou muito pacífico, num gosto disso não. Essa moça aí (Lívia) tá de prova, nunca baixei a mão em nenhum dos filhos, nem nela, Deus me livre!

Lívia: Mas não abaixa por quê, meu bem? Porque eu vou através da conversa...

Lívia demonstra tentar compreender o marido, considerando que ele, assim como ela, teve uma vida difícil:

Lívia: Mas é preciso entender: com oito anos, ele começou a trabalhar. O pai levava ele pra bar, misturava ele com pessoas erradas, viciadas, deixava ele na rua, a mãe dele não tinha uma estrutura pra dominar o filho, não, o marido... pra defender os filhos. Aí ele cresceu como? Ele não brincou, ele não teve uma infância normal feito outras crianças tem. Hoje, a gente já não liga mais, mas antigamente, ele arengava tanto quando via os meninos (filhos) jogando bola de gude, empinando papagaio, ele ficava tão revoltado...

Lula: Claro! minha filha, os meninos empinando papagaio!... É que eu fui criado no trabalho.

Lívia: Quando nossos filhos faz mal criação, faz umas coisas que a gente não gosta, aí ele diz: “Eu vou fazer, vou acontecer”. Aí eu

digo: Peraí, menino, não é por aí não, se você bater não vai resolver. Aí ele diz: “E vai criar filho sem bater?”. Eu digo: Não, a gente bate, mas quando chega ao extremo.

Na sua fala, Lívia atribui à infância difícil do marido a falta de paciência para com os filhos. Deixa clara a forma como eles, enquanto pais relacionam-se com os filhos, preferindo aproximar-se deles *através da conversa* e não da violência.

O diálogo em família, tanto na relação conjugal quanto na relação entre pais e filhos, é compreendido por vários autores, entre os quais, destacamos Vicente (2002), como o fator que mais ajuda no fortalecimento dos vínculos afetivos. É *através da conversa* que as diferenças entre os pares ou mesmo geracionais podem proporcionar um ajustamento intra e extrafamiliar mais saudável.

Compreendemos, por ajustamento, um modo mais flexível de ser, capaz de facilitar o intercâmbio salutar entre nós e o que é diferente de nós, ou seja, com o resto das coisas que estão no mundo.

Não se trata do ajustamento, no sentido criticado por Perls (1977). Neste sentido, o ajustamento forja o “papel de bom cidadão”, papel este exigido cada vez mais por nossa sociedade e para o qual, quem não se ajusta, é taxado de anti-social, marginal, tonando-se “indesejável e que deve ser jogado fora das fronteiras desta sociedade” (PERLS, 1977, p. 51)

O autor acima mencionado, continuando a crítica, segue dizendo:

(...) o papel do bom cidadão requer que ele seja previsível, por causa do nosso anseio de segurança, de não correr riscos, de nosso medo de sermos autênticos, de nosso medo de nos sustentarmos sobre nossos próprios pés, especialmente sobre nossa própria inteligência” (PERLS, 1977, p. 51)

Apesar da crítica feita por Perls (1977) ao ajustamento, não podemos desconhecer que numa sociedade que exige de nós uma certa previsibilidade, o diálogo coloca-se como bússola norteadora para ajudar os pais a orientarem seus filhos a “ajustar-se” aos limites sociais e culturais, necessários à sobrevivência.

Compreendo que, na Família Silva, os ajustes no diálogo entre o casal, de certa forma, contribuem para que sejam amenizadas as diferenças na relação de poder, tanto entre o casal quanto deste para com os filhos, sendo possível uma relação mais harmoniosa e mais democrática. A este respeito, Vicente (2002) diz que

[...] o modo de lidar com os problemas pode ser também democrático e de respeito pelas diferenças, e mesmo de valorização da crise, quando o modo preferencial de lidar com as dificuldades é pelo entendimento, pela linguagem, pela conversa [...] (VICENTE, 2002, p.54)

Para exemplificar a relação harmoniosa na família, sigo com uma narrativa que também revela e desmistifica a crença popular de que “diálogo de família pobre é porrada”, perpetuando, no imaginário coletivo, que os modos de relação entre pais e filhos, na família pobre, são sempre agressivos e sem afeto:

Lívia: *Eu tento conversar com Lula... como nós já fomos adolescentes, mas nossa adolescência teve que ser madura apulso... para que não haja uma revolta na cabeça desses meninos... inclusive o mundo aí fora... Aí tenho medo.*

Pesquisadora: Vocês se preocupam com o mundo aí fora para os filhos...

Lula: *Demais! Hoje em dia, eu chamo e dou um corretivo em cada um...*

Lívia: *Tenho medo das drogas. Eu não prendo meus filhos, mas essa daqui [Tati] é uma mocinha, tem 14 anos e eu converso com ela quase todos os dias. O que eu posso explicar eu explico. Não proíbo ela de passear, não proíbo ela de namorar, mas eu digo: Olha, minha filha, você tem que aprender uma coisa: **liberdade com responsabilidade.***

Diante de tantos preconceitos a respeito do pobre e, conseqüentemente, do modo como a família pobre cuida dos filhos, pode ficar difícil, para a sociedade, compreender que, naquele lar, também educa-se os filhos, usando o jargão: “liberdade com responsabilidade”. As preocupações de Lívia em relação aos filhos são as mesmas de qualquer mãe contemporânea: a violência, as drogas, etc.

Ferrari e Kaloustian (2002) falam a respeito da importância que tem a família para o desenvolvimento, tanto da pessoa jovem quanto da pessoa adulta e ressaltam que, além de propiciar os aportes afetivos, também é necessária, para esta, a garantia dos aportes materiais para que se promova a todos os seus componentes um melhor desenvolvimento e bem-estar. Nas palavras dos autores, a família

[...] desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais (FERRARI; KALOUSTIAN, 2002, p. 12)

Diante disto, podemos ver que o papel social de pai e mãe não é simples, ao contrário, é uma tarefa difícil: primeiro, porque só aprendemos a ser pais, na prática, ou seja, experienciando o nascimento do primeiro filho; e, segundo, porque nem sempre a experiência de ser pai ou mãe acontece no momento mais “adequado”, podendo-se apontar como “momentos não muito adequados” à adolescência, um estupro, fora do casamento, logo após o nascimento de outro filho, momento de desemprego etc., lembrando que tais momentos dependem de cada pessoa, portanto, são relativos ao seu contexto, ao seu próprio momento.

Quando seu moço nasceu meu rebento não era o momento dele rebentar, já foi nascendo com cara de fome, eu não tinha nem nome pra lhe dá ...²²

Na narrativa a seguir, destaco o nascimento do segundo filho, e nele, um momento que pareceu não ter sido o mais adequado para o casal. Vale ressaltar que tal experiência vivenciada pelo casal foi narrada por Lívia, sem que fossem percebidos culpa ou rejeição nem tampouco, arrependimento; ao contrário, enquanto narrava, Lívia ria do fato passado, como se estivesse incrédula, refletindo sobre como é possível ter filhos numa condição daquela. Mas, ainda assim, narra as dificuldades que enfrentou:

A gente estava numa situação assim: pelo menos, em relação à alimentação, estava tudo bem. Silvinho ainda mamava, na época. Quando engravidei de novo, ele estava com dez meses, aí a gente começou a sofrer de novo. (...) a gente se mudou, foi morar em Igarassu. Lá, a gente passou outro sofrimento: Eu tava tendo as contrações e eu na rua, no sol quente e tome dor! E ele morto de vergonha porque ele dizia que o pessoal estava falando dele: “Vixe Maria, que homem ruim, a mulher já pra ter neném e a pé” – mas era dinheiro que a gente não tinha pra pegar um carro.

Sete filhos subseqüentes, numa família pobre, antecipa uma visão crítica da falta, não apenas do alimento, que, sem dúvida, é necessariamente vital à sobrevivência humana, mas também, de moradia, emprego e cidadania. O *sofrimento* a que Lívia se referiu retrata algumas das maiores dificuldades de ser pobre: ter uma família numerosa, enfrentando o desemprego e a falta de moradia.

A concepção dos papéis sociais, especialmente, o de homem pai/provedor, está impregnada do imaginário coletivo. De forma que, a figura da mãe é “santa” e carrega, em seu ventre o filho frágil, cabendo ao pai a responsabilidade de dar atenção e conforto à mãe, neste momento de dor.

²² Trecho da música de Chico Buarque de Holanda: “Meu Guri”

Colocado, deste modo, parece não importar se esse marido tem ou não condições reais de promover o conforto à mulher e, conseqüentemente, ao filho. No imaginário coletivo, essa responsabilidade é delegada, principalmente, ao pai. A vergonha experimentada por Lula decorre do fato de não poder corresponder ao que se espera de um bom pai, do que se espera da sua condição masculina. O ideal social de pai expresso, no discurso social, contribui para a construção de uma subjetividade masculina, que deve ser forte, capaz de proteger sua família. Porém, isto contradiz a realidade daqueles sujeitos que estão fragilizados pelo desemprego e pela miséria, como é o caso da família pesquisada.

Sarti (2003, p. 83) ressalta alguns aspectos dentre eles os referentes aos “projetos familiares”, que estabelecem uma significativa vulnerabilidade à família pobre, principalmente, quando estão centradas, no pai, as expectativas de prover o sustento da família; e quando estas expectativas não são cumpridas, gerando tanto no homem quanto na mulher, um sentimento de “fracasso”.

Nem sempre ... “quando o dinheiro sai pela porta, o amor sai pela janela”²³

Embora a Família Silva se encontre numa situação de pobreza e vulnerabilidade social, é possível perceber, na narrativa de Lívia, o que chamo de sentimentos de amor e companheirismo entre o casal:

A gente nunca se soltou, sempre uma rocha. Se a gente passou fome, a gente passou sozinhos. Nunca a gente se deixou porque “ah!, eu vou deixar porque a gente não está suportando...”

²³ Sabedoria popular.

Uma “rocha” representa a fortaleza de tal relacionamento, que se mostra sólido, consistente, de difícil destruição. A pobreza que o casal vivencia, de acordo com suas narrativas, não representa a possibilidade de rompimento da família nem a razão principal de seus desentendimentos; pelo contrário, implica na necessidade de uma luta conjunta que venha garantir a sobrevivência da família, o motor da união de Lula e Lívia.

Isto se mostra mais claro quando o casal me responde sobre o sentido da vida. Lívia é quem narra:

Ultimamente, a gente vive mais em função dos filhos, a gente não vive propriamente a vida da gente, né? Porque a gente se privou de várias coisas. A gente não tem mais um lazer, a gente não tem mais aquele direito de pegar o dinheiro colocar no bolso e deixar todo mundo aí, ir à praia, ao cinema, parque, zoológico. Não é porque somos adultos que deixamos de gostar dessas coisas de crianças, no fundo, no fundo, todo mundo é uma criança.

A narrativa acima demonstra o cuidado que o casal tem para com os filhos e o quanto se privam dos prazeres da vida para que possam garantir o sustento destes:

Lula: Eu mesmo sou uma criança, não diz que depois que ficamos velho viramos criança?

Lívia: Mas a gente não alcançou a terceira idade ainda não. (risos) A gente se privou desse tipo de coisa e a gente faz isso para poder dá o mínimo que a gente acha de bem-estar para eles.

Lula, aos 37 anos, já se considera velho; Lívia, aos 38, parece reconhecer que o fato de não terem acesso a certos prazeres não tem nada a ver com a idade, mas, com a condição financeira da família. Oliveira (1994), do Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Rio de Janeiro, ressalta que

[...] as possibilidades, e mesmo expectativas, de lazer dessa população ficam geralmente circunscritas ao espaço e às relações estabelecidas na favela, além de fortemente condicionadas à questão econômica (OLIVEIRA, 1994, p. 40)

A gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte...²⁴

A narrativa demonstra que quanto mais filhos menos possibilidades de fazer algo diferente, fora do âmbito das necessidades primárias e vitais para a vida humana, neste caso: comer. O lazer é algo que fica cada vez mais distante, que ficou para trás e que para se aventurar, num dia de lazer, o casal pensa e repensa muito, principalmente, quando surge a oportunidade de fazer algo que fuja muito das obrigações diárias. Perguntei: Então, na hora que vocês pegam em dinheiro e vão ao cinema, deixam de comprar alguma coisa pra dentro de casa?

Lívia: Isso. É isso aí. Se eu pego R\$ 10,00, porque a entrada de um cinema é R\$ 5,00. Vamos botar R\$ 10.00 para mim e ele.

Lula: Mais a passagem, o lanche, porque a gente vai passear.

Lívia: Então, vamos calcular R\$ 20.00, isso se for só nós dois, se levar as crianças é muito mais.

O casal começa, em seguida, a falar de um tempo passado, mas ainda desejado. Há um misto de orgulho e prazer na fala de Lula, quando revela já ter tido oportunidade de proporcionar à sua companheira momentos “inesquecíveis”.

Lula: A gente ia a hotel, almoçar fora, restaurantes. Eu já fiz muitos prazeres na vida.

Lívia: É, ele me deu esses prazeres da vida, ele me levava muito pra almoçar fora, passear, a gente gostava muito de ir para aquele no Cordeiro aonde tem aquela feira de animais, né? Hoje, também ainda tem, né?

Lula: A gente deixou mais... a família cresceu...

O bem-estar da família é, hoje, a grande preocupação do casal; os “prazeres da vida” ficaram resumidos às responsabilidades do cotidiano, como demonstra Lívia:

[...] eu gostava de almoçar em restaurantes pré-históricos, como tem ali o Senzala que é um restaurante bonito, e muitas coisas que gostava de fazer, mas aí a família foi crescendo, o orçamento foi diminuindo e não sobra, aí se a gente calcula R\$ 20.00 pra gente se

²⁴ Trecho da música do grupo Titãs: “Comida”

divertir, aí a gente deixa de comprar a carne da semana, um biscoito, um todyinho para essa que é pequenininha, porque ela come, mas você sabe que comida de criança não é a nossa comida que a gente come e fica lá, menino quer beliscar, toda hora tem fome é igual a pinto novo, aí a gente tem que ter. Hoje em dia, o que a gente não deixou de fazer, até porque é um vício, é o cigarro, e a gente até reduziu, a gente fumava um cigarro mais caro, porque eu, na época, eu fumava Hollywood ou Plaza, depois surgiu o Derby, hoje, a gente diminuiu, passamos a fumar um cigarro de segunda categoria até porque ele é mais barato, o dinheiro de comprar um, compra dois.

Lula: A vida é carregada.

Na narrativa desta família, há uma tentativa de escapar da sua dura condição de vida. Mesmo que para isto, o custo seja muito grande. A linguagem que Lívia utiliza parece descrever uma realidade além de suas reais possibilidades. Ir a hotel, restaurantes pré-históricos, etc. É como se ela assimilasse a linguagem de uma outra camada da população, mais favorecida, e a usasse como forma de se diferenciar de sua própria condição social. Esta tentativa de diferenciação e, mesmo de separação em relação aos que a rodeiam na comunidade, pode ser observada até mesmo na habitação; Ou seja, a casa tem um muro de madeira de quase três metros de altura indicando o desejo de separar-se, de afastar-se do lixo que a rodeia. Demonstrando, também, a valorização da privacidade tão própria do sujeito contemporâneo.

Com a expressão *a vida é carregada*, Lula fala do quanto é difícil para eles, enquanto pais de três adolescentes e mais quatro crianças, alimentar, custear livros, roupas, alimentação, etc, além de bancar o lazer, sem um emprego fixo, sem um salário adequado, que dê conta de suprir as necessidades básicas de sobrevivência da família. Sobre esta questão, Vicente (2002, p. 56) diz que é preciso “que a sociedade entenda que a família, ao cuidar das crianças, trabalha pela produção social”. Ou seja, educando os filhos, a família dá a sua contribuição ao Estado e, conseqüentemente, à sociedade. Mas o Estado deve dar o mínimo de condições

para que a família cuide de seus filhos, contribuindo, deste modo, para que cada vez menos crianças e adolescentes sejam abandonados ou negligenciados nas ruas. Caso contrário, a responsabilidade por elas reverter-se-á exclusivamente para o Estado, o que acarreta despesas para este, através das ações e infra-estrutura de abrigos e creches.

Quando olhamos para a família pobre, as funções de cuidado e de proteção ficam mais difíceis, uma vez que as ações de enfrentamento da pobreza são ainda marcadas por medidas assistencialistas, ações que enfraquecem o vínculo familiar e, conseqüentemente, fortalecem o aumento da população infanto-juvenil, precocemente, no mercado de trabalho informal. A visão assistencialista de pobreza, segundo Demo (2002),

[...] ao lado de praticar um funcionalismo atroz, 'normaliza' a situação de pobreza, fazendo-a dependente de favores alheios. O que pode 'curar' a pobreza não são benefícios, mas a constituição de um sujeito social capaz de história própria, individual e coletiva. (DEMO, 2002, p. 16)

O ato de cuidar da família é mais observado nas mulheres que nos homens, isto indica que, ainda hoje, "os comportamentos de subordinação femininos ficam emaranhados no cotidiano como forma natural de organização de suas vidas diárias" (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 39):

Lívia: A gente vive mais em função dos filhos. A gente acha que o lazer da gente se resumiu nisso.

Lula: Somente na comida.

Lívia: Dia de domingo, faço um almoço diferente do corriqueiro da semana, aí a gente se resume nisso: fazer um almocinho diferente, tomar banho, almoçar.

Diante do trecho acima, o domingo parece significar para a família, um dia completamente avesso aos outros dias da semana. Este dia tem sido eleito como o melhor para se reunir com a família. No Brasil, o domingo indica que podemos ficar

em casa, descansando, "preguiçando", assistindo ao futebol ou mesmo sair, ir à praia, à igreja, visitar amigos, parentes, viajar; enfim, é um dia comum e, ao mesmo tempo, diferente para a maioria das famílias. O almoço domingueiro, na casa dos pais, faz parte do domingo da maioria dos brasileiros.

E a mãe, dona-de-casa, esposa, passou a ocupar um papel fundamental para a família. Além de cuidadora da saúde dos filhos e do marido, é responsabilizada pela função de organizar a casa e reunir a família, passando a ser considerada a "medula" desta, a célula central da família moderna. A sociedade mitificou esta função, colocando as mulheres, elegantemente, no trono da "rainha do lar". Rocha-Coutinho (1994) fala do quanto esta dedicação exclusiva pela família ou estar no trono de "rainha" ainda é um lugar "marginalizado" socialmente. A função que a mulher assume na família e "o trabalho doméstico isola as mulheres no âmbito da unidade familiar" (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 33). E isto só vem a dificultar sua autonomia no espaço público.

Quando o assunto é lazer, o espaço público fica restrito tanto para as mulheres quanto para os homens. Para Lula e Livia, diversão parece pertencer apenas ao passado. Silvinho e Beto, que são adolescentes, têm uma vida noturna mais permitida, mesmo freqüentando lugares que não são seguros, como é o caso dos "bregas"²⁵. Em relação à adolescente Tati, o lazer restringe-se à praia, ao sonho de um dia ir ao shopping ou fazer um passeio com colegas. Para as crianças, o parque é o mais garantido:

Livia: Os meninos já gostam de sair, adoram um brega. Silvinho vai só, com os amigos deles.

²⁵ Bregas são casas de dança noturnas, localizadas próximo à comunidade e que tocam músicas "bregas". É um local proibido para jovens menores de idade, porém tem se tornado o lazer mais freqüentado por crianças e adolescentes. Nestes locais, há uma incidência muito grande de drogas e iniciação à exploração sexual do(a)s jovens. Os bregas já foram denunciados aos órgãos competentes, por pais preocupados com a entrada de seus filhos naqueles locais, porque é permitida a permanência de crianças com 10 anos de idade, que tornam-se vítimas fáceis para traficantes de drogas e/ou "compradores" de virgindade.

Oliveira (1994) ressalta que, devido às dificuldades financeiras, “as opções de lazer e de cultura para as crianças e jovens na favela são em geral escassas” (OLIVEIRA, 1994, p. 39).

A violência em lugares, como os bregas, é um fato corriqueiro, quase beirando à banalização. As brigas, por vezes, levam os jovens à morte, marcando estes espaços como inadequados à juventude:

Lívia: Tati já não gosta muito de dançar, ela gosta mais de praia. É tão raro ela ir. [...] ela gosta muito do Alto da Sé, da parte mais alta, adora Olinda.

Pesquisadora: E as crianças?

Lívia: Os pequenos não vão para canto nenhum.

Lula: De vez em quando, levo para o 13 de maio, para praia.

Lívia: A gente agora, no Dia das Crianças, não participou de nada. Lula tava doente, a gente pensou em levar pra praia, mas sabe como é que a gente faz pra levar uma criança, a gente tem que reduzir alguma coisa. Não dá para fazer duas coisas. Se eu quero levar os meninos pra praia, eu vou... digo, vou economizar um pouquinho pra quando for no sábado... pra tirar 15,00 reais, pra ajeitar tudinho, deixar em casa pra poder me divertir, porque se levar eles pra praia sem poder fazer é pra morrer de raiva, de vergonha, porque quando chega na praia, tudo que eles vêem eles querem e apesar de ser barato: picolé a dez centavos; o cachorro quente é cinquenta centavos com refrigerante ou o suco grátis, mas aí você tem que contar por cabeça.

Para Lívia, ser pobre, em casa ou mesmo na comunidade, é diferente de ser pobre quando se está fora do ambiente familiar. Neste, a vergonha de ser pobre não é tão visível, ao passo que, estando na praia – espaço público, visto como sendo um dos mais democráticos porque não se exige de quem quer que ali se encontre um padrão formal – demonstrar que não pode comprar tudo que eles vêem, pode representar, para o casal, um comportamento inadequado; por isso, o não poder comprar tudo, remete-os à vergonha desta falta de poder, característica da pobreza.

A fala de Lula demonstra um misto de alegria interior e orgulho quando, certa vez, pôde proporcionar à sua família *sentir os prazeres da vida*:

Da outra vez que a gente levou pra Itamaracá, levamos R\$ 50,00 para gastar com eles.

Lívia, no entanto, faz referência às dificuldades que enfrentam quando precisam *dividir bem as coisas* para que todos possam usufruir dos mesmos prazeres:

[...] quando vai pra praia e diz [os filhos]: “Eu quero cachorro quente”... faz uma fila assim [grande] na carrocinha do cachorro quente, o homem diz assim: “É tudo da senhora?” (risos) Eu digo “É tudo meu!”. Aí depois do cachorro quente, vem: “Mainha, aluga uma bóia!” Aquelas bóias de bichinhos que têm jacaré, têm não sei o que... só que aí é tudo colorido, tudo bonito. Aí: Quanto é a bóia? É um real por vinte minutos.

Lula: É 40 minutos um real.

Lívia: 40 minutos é 1,00, aí surge um impasse, alugue uma bóia que cabe todo mundo dentro, aí não cabe (risos), aí não cabe, então, alugue um barquinho e um jacaré e aí já se vai 2,00. Quando chega a hora de entregar a bóia, a bóia tá muito boa, muito gostosa, ninguém quer devolver a bóia do homem, aí já se vai mais 40 minutos, mais 1,00, aí a gente, que também é filho de Deus, uma vez no ano, vamos tomar uma cervejinha, aí eu digo: “Mas espia?”; Aí lá está eu naquele lindo guarda-sol (risos).

Ao responder “*é tudo meu*”, referindo-se aos filhos, percebe-se uma ponta de orgulho nesta mãe. Pelo menos, isso ela tem: muitos filhos.

No momento que Lívia estava falando, a filha Beta, 07 anos, ainda uma criança, que estava ajudando-lhe a “cuidar” do almoço para a família, interrompeu a mãe, por um instante, dizendo:

Mainha, a água tá fervendo.

Lívia, que estava muito empolgada com a narrativa, respondeu:

Deixa a água ferver que a história... que a conversa tá divertida (Lívia dá uma gargalhada... e continua) lá está eu com aquilo me achando gente, lá na cadeirinha, óculos escuros na cara me achando gente (risos), aí faz assim: chama o garçom, uma cervejinha, né? O cara vem, bota ali aquela cerveja com direito a isopor pra não esquentar a cerveja, aí passa aquelas mulheres com

aqueles peixes, ostras, aí Lula me pergunta: “O que é que você quer?” Aí eu digo: “Sei lá”. Eu fico até sem jeito que a gente não tá acostumado aquele tipo de coisa, né?

Lívia fala deste dia como se estivesse revivendo um sonho, fala de coisas simples e tão importantes para a vida de qualquer ser humano: a possibilidade de, no sonho, afastar-se ou abstrair-se do nível puro e simples da sobrevivência.

Beta interrompeu mais uma vez e insistiu sobre a mesma questão. Lívia respondeu e observei, na sua voz, irritação com a filha. Compreendi, na atitude da mãe, a confrontação e o contato, com lugares paradoxais. Lívia está dividida entre a realidade cotidiana e aquele momento, na praia, que vivencia através da narrativa. É como se ao ter que dar atenção à filha, fosse levada de volta à dura realidade. Responde:

Deixa a água ferver, Beta. Depois a gente resolve isso. Ponha a tampa na panela.

A maneira como Lívia fala sobre seu dia, na praia, pode ser compreendida como uma tentativa de sair do lugar que lhe é imposto, socialmente; é como se quisesse me comunicar: “Também sou filha de Deus, também sou humana, tenho direitos”. Demonstra o quanto a pobreza pesa para ela, até mesmo na simples “escolha” de um peixe na praia. Também retrata, tanto as dificuldades quanto as estratégias que usa para economizar um pouco mais para que todos da família possam usufruir os mesmos direitos. Coloca valores especiais nas mínimas coisas. Apesar de toda ênfase no bem-estar dos filhos, o casal demonstra que sente necessidade de pensar em si, também:

Lívia: Aí eu pego um peixe e a gente fica lá achando que está se divertindo, mas tomando conta dos meninos, para não se perder, porque muita gente na praia, muito menino... “Cadê fulano?” “Cadê sicrano?” Fica todo mundo doido, aí eles vêm, a gente vai tomar um banho, e aí a gente passa num domingo uma vez no ano, mas a gente, às vezes, diz assim: “Pôxa! Não devia ter gastado!” Faz falta, sabe? Mas aí quando a gente vai fazer isso, a gente já vai bem pensado para não ter que reclamar porque os meninos querem bóia,

quer picolé, quer guaraná. Aí eu já não compro água mineral, eu levo de casa dois litros, eu economizo. É um real uma garrafinha daquelas e só dá para um menino, aí eu levo dois litros, gelo pedra porque no trajeto daqui pra lá ela vai descongelando.

O transporte coletivo é a única opção para a família, que relata ser mais uma coisa que também não sai barato quando todos da família resolvem passear.

Perguntei de que forma eles vão à praia. Lívia foi quem respondeu:

É de ônibus. De Betinho pra cima paga passagem, não paga de Pedro pra baixo. Aí, às vezes, Betinho passa debaixo da borboleta, engabela²⁶ o cobrador, aí a gente economiza noventa centavos, agora eu tava pensando em ir pra praia, da próxima vez, vou alugar uma kombi porque andar de ônibus com esses meninos, ônibus cheio, é um sufoco.

Lula - Só que a vida da gente é tão ruim, que a gente não pode dá aquele lazer pros filhos da gente como a gente deve dar porque o pobre não tem condições.

As dificuldades financeiras misturam-se com o sonho de proporcionar um lazer melhor para os filhos. Isto é revelado por Lula, na expressão: “*a vida da gente é tão ruim*”. Assim, compreendi a necessidade de Lívia em falar dos passeios, entrelaçando à narrativa algo de belo ou engraçado; sem estes artifícios, o discurso fica difícil, truncado, amarrado. É muito esforço, muita carência, muito sofrimento. Entendi que quando eles puderam acrescentar à narrativa um pouco do cômico, do engraçado, do risível, narrar suas dificuldades de enfrentar o mundo lá fora tornaram-se mais leves.

No final, Lula enfatiza o tamanho das dificuldades que passam para ter lazer. Economizar cinqüenta reais para quem não tem emprego ou uma renda certa não é nada fácil.

²⁶ Engabelar é o mesmo que enganar, enrolar.

As dificuldades da família para se divertir foram associadas à falta de dinheiro, ao grande número de filhos, à distância do lugar onde moram até a praia, bem como, depender de transporte coletivo para tal evento.

Oliveira (1994), a respeito das populações que residem em favelas, afirma que

[...] as expectativas de lazer dessa população ficam geralmente circunscritas ao espaço e às relações estabelecidas na favela, além de fortemente condicionadas à questão econômica” (OLIVEIRA, 1994, p. 40).

Compreendi os risos de Lívia como uma estratégia que usou, no momento da pesquisa, para disfarçar o sentimento de exclusão social que experimentou, naquela ocasião. Porque mesmo estando na praia, num espaço público e, aparentemente, democrático, demonstra não querer “fazer feio” frente às outras pessoas; isto é, não poder comprar, não poder consumir o mínimo que seja. Embora disfarçado, o peso da exclusão social sofrido, no dia-a-dia, prevalece. Este sentimento que Lívia experimenta é a própria vivência do que é ser pobre, num espaço que abriga pessoas em condições tão diversas da sua. A pobreza vivida, cotidianamente, nos locais de trabalho e moradia, faz gritar, dentro de si, esta diferença social, principalmente, quando está distante de um lugar que lhe é familiar: sua comunidade, seus vizinhos... Por isso, sente *vergonha*, demonstrando medo de escolher, pois suas “escolhas” revelam-na.

Diferentemente da praia, existem outros espaços, também ditos públicos, que, para o pobre, é difícil chegar porque revela, mais facilmente, sua condição social. Lívia demonstra tal dificuldade de frequentar um espaço assim, quando revela a promessa que fez para a filha adolescente, há algum tempo atrás:

[...] *Tava combinando ir pro shopping porque é uma curiosidade que ela tem. Eu já disse a ela: “Tati, qualquer dia desse, quando eu tiver com um dinheiro folgado, vai eu e você. Você vai ver qual o ônibus que pega, onde salta pra você ir só”, até porque filho quando cresce*

não quer andar mais com a gente não, quer andar só. [imita a fala da filha] “Ôxente! Eu vou paquerar e a senhora do lado?” (risos).

Lula : Mas eu ainda vou ser gente, um dia.

Lívia: Gente você é, meu bem!

Lula: Mas eu tô falando gente mais ou menos.

Lívia: Era esse lazer que eu gostaria de dar, viajar feriado prolongado, eu gostaria muito de ir a Porto de Galinhas, Itamaracá, alugar uma casa de praia, essas coisas assim para sair um pouquinho da rotina, mas, infelizmente, a gente se contenta com o pouco que tem, com o pouco que dá.

Nas narrativas acima, o peso de ser pobre fica explícito na curiosidade que a filha tem de conhecer um lugar de compras ou lugar de “consumo” dos ricos porque há lugares que parecem mesmo destinados apenas às camadas sociais mais abastadas, uma vez que exibem nas vitrines as melhores grifes, o luxo e a ostentação, e quem não tem dinheiro nem para comer, pode pensar: vou fazer o que lá? Embora não tenha uma placa na entrada, dizendo: “pobre não entra”, ir ao shopping revela, aos pobres, que “estão fora do seu espaço seguro”, fazendo emergir nestes um sentimento de invasores de fronteiras, não existindo igualdade entre eles e os outros que habitualmente freqüentam aquele lugar.

Ao dizer “*eu ainda vou ser gente*”, Lula demonstra a consciência de sua facticidade, do lugar que ocupa na sociedade e é justamente a posição social ou o espaço ocupado por cada sujeito, que faz a diferença num sistema que exige cada vez mais “poder, prestígio e riqueza” (SARTI, 2003, p. 113). O desejar *ser gente*, expresso por Lula, faz-me compreender o quanto sua condição social o incomoda, por tirar-lhe a possibilidade de dar *prazeres* à família. Sua condição social de pobre faz com que ele se sinta sem prestígio.

Quando Lula e Lívia demonstram não *se contentar* com a situação de pobreza, compreendo neste sentimento a revelação dos seus modos de viver. No

dia-a-dia, travam uma luta pessoal em prol de sobreviverem à fome, mas, como se isso não bastasse, lançam-se numa luta diuturna em busca de um reconhecimento social e de valorização, afinal, além de trabalhadores, são gente. Num primeiro momento, somos capazes de pensar que a “batalha” que os pobres “travam” na vida pela sobrevivência vai, aos poucos, tirando-lhes a esperança de que dias melhores poderão vir, que sua condição social possa mudar pelo trabalho, vindo a garantir-lhe uma melhor qualidade de vida.

A Família Silva, porém, demonstra, nas suas narrativas, que a paixão pela vida não reduziu seus sonhos nem suas possibilidades de enxergar outros horizontes, outras maneiras de sair dessa condição social.

Lula, por exemplo, é catador de lixo e bisciteiro, hoje, mas oficialmente é um ajudante de pedreiro que está desempregado. Em outros momentos de sua vida, já foi também: *jogador de futebol, militar, bloqueiro²⁷ e dono de academia de boxe*. Lívia é também catadora de lixo, hoje, mas, oficialmente, é uma “empregada doméstica” que, como tantas outras, está desempregada. Serem catadores no Lixão permite a Família Silva sobreviver, pelo trabalho.

Contentar-se com a condição atual de vida, como afirmou Lívia, pode até ser compreensivo, mas não pareceu que o casal se conforma. Porque, conformar-se, seria não correr atrás de outras possibilidades de sobrevivência, não ousar novos caminhos, entregar-se ao desânimo. Denominar-se *bisciteiro* ou *catador de lixo* é catalogar, em suas vidas, outras possibilidades de sobrevivência, é permitir-se percorrer outros caminhos. Isto fica bem caracterizado nas palavras de Lívia:

Até porque não tem como não se contentar.

Indaguei sobre como lutam para sair dessa vida: Lívia questiona-se:

Como? Não tem nem jeito. Como lutar?

²⁷ Bloqueiro: fabricante de blocos de cimento, que é uma espécie de tijolo feito de cimento.

Pesquisadora: É isso que eu estou perguntando, como é que vocês fazem?

O que vejo é que eles estão tão misturados ao que fazem que não enxergam, ou melhor, que desconhecem em seus modos de viver, que, cotidianamente, o que fazem é lutar, batalhar pela sobrevivência, mesmo que isto esteja, para o casal, resumido ao comer, vestir e pagar aluguel; e para os jovens, comprar uma ataca, um “modess”²⁸ ou uma roupa nova de grife (mesmo falsa). Esta é a possibilidade de estarem no mundo, revelando os seus modos de existir, nesse momento. Quando pensam sobre a pergunta querem dar uma resposta diferente daquela que eles próprios já sabem. Lula procura responder de um outro modo e arrisca:

*[...] a gente procura sempre um futuro, **batalhando**. Um futuro melhor, é difícil mas a gente fica tentando chegar lá nos objetivos da gente. Meu pensamento é: cada filho uma casa, um terreno pra eles, pra quando eu tiver velhinho, mais velho, mas, para isso, tem que deixar meus filhos mais preparado, cada um ter sua casinha, sempre procurando um futuro... A gente como vê na televisão Gugu. Gugu traz tanta felicidade. **A gente procura sempre ver aquelas coisas na televisão; vendo aquilo ali, então, a gente tá pensando que também pode acontecer com a gente, por quê não?** A gente é descartado do mundo? Não é! Com aquela família aconteceu aquela felicidade, pode acontecer com a gente, então, o meu pensamento sempre é esse: de melhorar de vida, porque melhorando de vida, minha família melhora, agora se eu piorar de vida, minha família piorar, vai junto comigo pro fundo do poço, então, é isso que eu olho pra Gugu, eu vejo as coisas que ele faz...O sonho dessa minha menina é ser modelo...*

Pesquisadora: Verdade?

Tati: Um dia, eu ainda vou ser...

O sonho não morre, há uma esperança de mudar de vida. Mas, esta esperança está sempre vinculada a uma outra coisa ou pessoa. Deus, Gugu²⁹ ou o governo, estão sempre intermediando as possibilidades de realização dos sonhos. Daí decorre a esperança de mudança na vida, para o pobre.

²⁸ Modess é uma marca de absorvente íntimo feminino.

²⁹ Gugu: apresentador de programa de auditório, que acontece todos os domingos na rede de Tv SBT.

Compreendo a posição de Lula, na narrativa acima, como uma demonstração de sua vontade de ter uma condição diferente da condição que tem, mas atrelada aos acontecimentos dos programas de Tv:

No meu pensamento, procuro sempre olhar as coisas que acontecem na televisão.

Segundo Morin (2003), diante da televisão, o expectador não é passivo, ele dialoga com as mensagens que lhe chegam. Este diálogo é indireto, ou seja, é submetido a uma atividade psicológica que requer interpretação. “O espectador é continuamente obrigado a dar uma coerência e uma lógica àquilo que vê” (MORIN, 2003, p. 114). Atribuindo coerência e lógica, tornar-se crítico diante do que vê enquanto “espectador”, seja da vida, da Tv, de um livro; resignifica as coisas; contextualiza-as de acordo com o meio em que se vive. Para Morin (2003),

a televisão corresponde, então, a [um] tipo de desenvolvimento que faz com que, hoje, tenhamos necessidade de uma dimensão planetária. Mesmo aquele que vive num lugar isolado, por mais afastado que seja, [através da televisão] ele tem uma dimensão planetária. Fica sabendo o que acontece no mundo. (MORIN, 2003, p. 116-117).

A televisão passou a ser um objeto fundamental para a civilização, a maioria das casas pobres tem uma, seja velha ou nova, grande ou pequena, não importa. Ela é parte indispensável da casa. Este objeto é responsável por grande parte daquilo que pensamos, vestimos, acreditamos. A “Tv” integra-nos ao mundo lá fora, à vida.

Como um meio de comunicação de massa, é formadora e transformadora de opinião; promove, nas diversas camadas sociais, “sonhos” e desejos distintos para cada pessoa e para cada contexto. É geradora de expectativa com relação ao enriquecimento fácil, através dos “baús da felicidade”, do sonho da casa própria, de ser sorteado com bens materiais, de ser “princesa”, de encontrar um grande amor.

Diante dos fatos, indago Lula: “Então, você tem esperança de ser contemplado com essas coisas? Mas você escreve para os programas?”

A resposta de Lula à questão revela que a sua falta de escolaridade também o incomoda, delegando a Lívia a responsabilidade de escrever para os programas:

Não, até porque eu não tenho estudo, mas ela (Lívia) tem. Eu penso de um jeito, ela devia se encarregar pra isso, escrever. Aí, um dia, a sorte esteja do nosso lado, nós também, não somos piores do que os outros, acho que todo mundo, no mundo, é igual. Agora uns têm sorte, outros não. A sorte, a gente sempre procura ela.

Para Sarti (1995), no entanto, é o trabalho que garante a moral e a ética do provedor, principalmente quando o suor derramado, no trabalho, é para garantir o sustento da família em detrimento da bebedeira e da farra:

O trabalho estruturou-se no Brasil dentro de uma lógica familiar. Para os trabalhadores pobres, o valor dado ao trabalho situa-se no seu fim: prover a família. O trabalho é um instrumento que viabiliza a vida familiar... (SARTI, 1995, p. 143)

Lula não acredita que apenas o trabalho possa vir a mudar a condição social de suas vidas, por isso não percebe que essa força que busca, na *sorte*, é produzida, cotidianamente, pelo grupo familiar, na dureza do trabalho, quando faz da catação diária, no Lixão, seu principal meio de sobrevivência.

Os “catadores de material reciclável”, como atualmente se intitulam, é uma força de produção de trabalho emergente que está cada vez mais se fortalecendo no Brasil. Vêm ganhando espaço nos fóruns sociais e na mídia. Emergem, como força empreendedora do meio ambiente e como catalisadores de um mundo mais habitável. Contudo, o processo de luta pelo reconhecimento de seus direitos e garantias, como trabalhador e cidadão, ainda encontra-se em trânsito lento. A sociedade ainda não os vê como trabalhadores, mas sim, como pobres coitados. Mudar essa consciência social é algo que não se faz da noite para o dia. É um

processo em longo prazo, que exige determinação e perseverança, como nas tantas outras mudanças ocorridas no Brasil e no mundo.

O trabalho em detrimento dos estudos.

Pelo tempo que os pais estão inseridos no trabalho de catação, os filhos aprenderam, desde muito cedo, a conviver com o trabalho árduo e insalubre dos lixões. É visível, em suas falas, o sentimento de vergonha do lugar em que moram, do trabalho que fazem, embora tentem escondê-lo. Ainda crianças, esses jovens foram se misturando ao lixo e a cada dia que passam ali dentro, vai se tornando mais difícil sair, até que, ao longo de uma vida, terminam por identificar-se com o lixo, sentindo-se assim um “lixo social”. Trabalhar e morar dentro do Lixão não é agradável e eles sabem disso, mesmo assim acostumam-se e buscam encontrar vantagens neste tipo de vida e de trabalho. Tati expressa: *No lixo, é bom trabalhar*. Ao fazer esta afirmação, ela está se referindo ao fato de, no Lixão, conseguir dinheiro com uma certa rapidez. Deste modo, nega o desejo de sair do Lixão:

Tati: Apesar de mãe ter essa vontade de sair do lixo, eu não tenho, porque eu acho que, no lixo, é bom trabalhar, a pessoa ganha dinheiro fácil, não é fácil, é suado, né? Você tem que juntar [...]

Outro filho adolescente confirma a opinião de Tati sobre as vantagens do trabalho na catação de lixo:

Silvinho: Trabalha a hora que quer e não recebe reclamação de ninguém.

É, justamente, pelo estado de mistura e de pertença que não conseguem ver qualquer maneira de sair; daí acolhem o lugar, misturando-se a ele. De acordo com a narrativa de Livia, este lugar ensina o que é a vida e o que é trabalho, para eles.

Mas embutido na condição de catador de lixo, está o sonho, o desejo de melhorar de vida, os projetos:

Lívia: Por isso que o Lixão é como uma escola, eles já conhecem o que é trabalho, sabem como ganhar honestamente, então, eles vão arrumar um emprego logo, porque ninguém vai ficar aí, morrer de velho aí dentro. (...) eles vão trabalhar cedo pra custear os estudos deles, não só os estudos mas, para cuidar da aparência....

O que poderíamos dizer a respeito de um discurso que contradiz o cotidiano vivido por esta família? Entendo que a contradição está entre o que a sociedade oferece e o que cobra de cada um. O discurso de Lívia revela um valor dado aos estudos como um modo de garantir uma perspectiva melhor para o futuro, mas quando coloca o Lixão como a *escola*, indica que se dá conta de sua contingência; para ela e os filhos, o verdadeiro aprendizado é na vida, no trabalho, no concreto, em detrimento de um aprendizado formal. Não se trata de dar pouca importância ou valor aos estudos, mas, de ter consciência do que lhe é possível realizar, do que está ao seu alcance; o Lixão é lição de vida e sobrevivência.

O discurso dos adolescentes, por sua vez, reafirma seus anseios por independência, autonomia e consumo. Porém, quando comparei a fala de Tati acima, com uma outra, revelada durante a pesquisa, a respeito de morar e trabalhar no Lixão: *“Quería eu sair daqui, aqui é muito ruim”*, percebi a contradição. Tati vive o paradoxo entre a realidade cruel de trabalho árduo dentro do Lixão e o sonho de *ser modelo*.

Priorizar os estudos é um valor que foi atribuído pela sociedade atual como forma de garantir ascensão pessoal e social. A escola formal está garantida por lei não como uma imposição, mas como um direito da criança e do adolescente enquanto cidadãos. No entanto, a realidade cotidiana vivenciada pela família pesquisada traz, na voz de Lívia, o valor do trabalho como único meio e instrumento real que pode vir a garantir, de fato, esta ascensão para os filhos e para a família.

Sabedores do pouco que podem oferecer aos filhos, Lula e Livia pressentem, na luta dos filhos, uma vivência tão árdua quanto foi a sua. Deste modo, demonstram consciência de que, hoje, a sociedade é bem mais exigente, quanto à qualificação das pessoas para ingressarem no mercado de trabalho, exigindo, cada vez mais, escolaridade, capacitação, especializações, enfim, um conhecimento diversificado e técnico para aquilo que forem executar no mercado formal de trabalho:

Livia: Já que eu não tenho condições de dar, eles mesmos se esforcem e vão até onde derem pra ir, só se eles mesmos desistirem, mas, por mim, eles têm livre arbítrio. O apoio eles têm. Jamais eu chego pra minha filha e digo : “Você não vai pra escola porque eu não tenho o que comer amanhã e você vai trabalhar pra me dar.” Nem eu nem Lula aceita isso.

Lula: Porque eu quero dar a chance a eles que eu não tive

Há, no discurso do casal, um certo incentivo de que os filhos precisam trabalhar porque eles não podem lhes dar tudo. Quanto aos estudos, há sempre a possibilidade de abandono, uma vez que os filhos têm *livre arbítrio*, como se não houvesse mais, sobre o casal, a carga da responsabilidade diante dos filhos adolescentes. Assim, a adolescência aparece, nesta família, como sendo o momento ideal para que os jovens assumam, de vez, a responsabilidade sobre eles mesmos.

O livre arbítrio interpela por uma consciência de si no mundo enquanto sujeitos autônomos e livres. Sem esta consciência, como fazer escolhas? Como é que se compreende o uso do “*livre arbítrio*” quando se passa fome? Isto parece não ser um modo livre para se fazer escolhas, uma vez que o *livre arbítrio* implica em usar de liberdade para escolher. Abandonar os estudos, nessas condições, usando como argumento o livre arbítrio, quando, de fato, há uma necessidade eminente de trabalhar para auto sustentar-se não define uma liberdade de fazer escolhas, mas a premência em suprir a necessidade mais básica do ser humano, a fome.

A pobreza, a miséria e a fome, tanto podem ser vistas como uma questão política quanto ideológica. As ações políticas têm a intenção de erradicar a pobreza, mas a práxis assistencialista dificulta o trabalho social rumo à cidadania, uma vez que mantém os pobres num lugar de menos valia ou de incapazes, impedindo-os das possibilidades de produção e de consumo.

Sem trabalho não dá para bancar os estudos e os sonhos que têm em relação à vida. Porém, sem estudos, dificilmente, conseguirão alcançar um emprego que satisfaça seus sonhos. A falta de escolaridade, para o pobre, tende a condená-lo a um futuro sem futuro porque não lhe dá base para adquirir outros conhecimentos. O mercado de emprego formal tende a ficar cada vez mais restrito, a consequência é o trabalho informal, insalubre, a delinqüência, o biscoite.

A falta excessiva de tudo impulsiona os jovens a buscar, avidamente, por alguma atividade que renda dinheiro, seu próprio sustento para ser diferente do que é, como numa tentativa de mudar o que é fatídico para eles.

A pobreza dificulta não apenas o acesso às coisas materiais e consumíveis do mercado capitalista, mas, sobretudo, a si mesmo, pois sua condição social afeta, principalmente, o cerne de sua auto-estima, levando os sujeitos ao enfrentamento de uma força que parece produzir contra si mesmo e contra seu existir. No concreto, compreendem que erradicar a pobreza é, de fato, querer “acabar” com ele, erradicar o pobre.

A luta diuturna pela sobrevivência levou os jovens da Família Silva a ingressarem muito cedo no trabalho árduo e insalubre do Lixão, deixando a escola sempre em segundo plano. E não é difícil imaginar o tipo de dificuldades que as crianças e jovens pobres encontram ao tentar conciliar o trabalho no Lixão com o estudo.

Comparando o momento atual dos filhos de Lula e Livia com a história de vida de seus pais, percebi ter havido uma repetição quanto a terem deixado os estudos pela necessidade de trabalhar. Vicente (2002, p. 57) ressalta, portanto, que “o processo de profissionalização não pode impedir o jovem de estudar e, principalmente não pode impedi-lo de construir um projeto de vida”. Podemos ver um Lixão como sendo um processo de profissionalização? Claro que está longe de ser isso, mas, para aqueles jovens, as alternativas são muito poucas.

“Silvinho”, como é tratado pela mãe, 16 anos, é o filho mais velho do casal, cursa a 6ª série e estuda à tarde; já abandonou os estudos por três vezes, alegando que

Se estou atrasado, a culpa é dela [da mãe]

Livia: Eu assumo que a culpa é minha, por causa das mudanças de lugar, pagando aluguel, fica muito difícil, quando o aluguel sobe...

Tati tem 14 anos, cursa a mesma série do irmão e também estuda à tarde; freqüenta a escola sem nenhuma sistemática, ou seja, vai à escola quando não está cansada ou quando não está doente, pois sofre de febre reumática, e vez por outra, precisa ser internada para tratamento. O fato de estes adolescentes preferirem ir à escola no turno da tarde está relacionado com a preferência destes por trabalharem à noite quando o Lixão tem mais o que oferecer:

Livia: Por isso que eles estudam à tarde, senão não agüenta.

Tati começou a freqüentar o Lixão quando tinha apenas oito anos de idade, conforme a narrativa de Livia:

Quando Tati começou a trabalhar nesse Lixão, ela tinha oito anos de idade, hoje, ela está com quatorze anos, é seis anos que ela trabalha aqui.

Beto tem 12 anos, cursa a 2ª série e estuda pela manhã; à tarde, freqüenta o projeto (PETI), junto com seu irmão Pedro, de 09 anos, que cursa a 1ª série,

também pela manhã. Beto, *nas horas livres*, segundo Livia, vai para o Lixão, junto com o pai e irmãos. Pedro não vai ao Lixão, pois *gosta de uma bola...*

Beta, 07 anos, até o momento da pesquisa, não estudava apesar de ter demonstrado uma grande vontade de frequentar a escola. Na ausência da mãe, fica responsável pelos irmãos menores, Davi, de 05 anos e Aninha, de 03 anos; dá banho, comida, leva pra passear, entre outras coisas. Esta é sua “colaboração” para com a família.

Lula estudou até a 4ª série primária e diz: *Leio e escrevo muito pouco*. Parou de estudar para trabalhar, aos 09 anos de idade, *para ajudar minha mãe e irmãs*. Em sua carteira de trabalho, há registros como ajudante de pedreiro, embora verbalize que é pedreiro. Também relatou diversas outras atividades que exerceu ao longo desses anos, tais como:

jogador de futebol pelo Santa Cruz em 80, parei porque não tinha condições... assim de passagem pra ir pros treinos e meu pai e minha mãe não me dava apoio. Depois, entrei numa academia de artes marciais, como num tinha dinheiro pra investir, saí. Depois, saí de broqueiro, que hoje, os pessoal chama de cerâmica, mas é o broco [bloco] de cimento, depois fui servir à Pátria, era meu desejo servir à Pátria.

Compreendo a necessidade de Lula de dar ênfase a outras atividades, na sua vida, como um modo de explicar-se melhor para que não seja interpretado como um preguiçoso ou vagabundo; em outras palavras, para que eu pudesse entender que já tentou de tudo na vida, mas nada deu certo para ele porque ou não teve apoio ou faltou dinheiro. No momento da pesquisa, Lula não estava vinculado a um emprego de carteira assinada ou fazendo algum *biscaite certo*. Mas, quando indaguei sobre sua profissão atual, denominou-se *biscaitero*. Ser *biscaitero* é ser virador, fazer qualquer trabalho, geralmente, temporário, sem vínculo empregatício, sem garantia de um salário.

Pesquisadora: Como você faz pra se manter num emprego?

Lula: Eu faço muita coisa. Primeiro, se é pra eu pegar de sete, eu pego de seis. Bajular patrão, eu não sou de acordo, mas faço tudo pra não levar uma reclamação. Tudo que manda eu fazer, eu faço. Agora os tipos dos meus trabalho é que não tem condições de patrão nenhum me sustentar por muito tempo. Se eu empeleito [empreito] uma casa pra pintar, eu termino, às vezes, não tem outro, aí eu passo quinze dias, dez dias em casa até aparecer outro... e assim eu vou levando... nesse intermédio de tempo, então, eu faço de tudo, vou atrás, trabalho, limpo fossa, eu faço de tudo, só não faço roubar.

Em seu relato, mesmo dizendo ocupar-se de atividades que, socialmente, são pouco valorizadas e mal pagas, Lula procura demonstrar, através das suas ocupações, disposição para trabalhar e orgulho de ser trabalhador, bem como não ter preguiça para fazer qualquer tipo de trabalho. Pois, principalmente, para os homens, o trabalho é condição de autonomia, controle, moralidade e, acima de tudo, honra. Como diz a canção popular, *sem o seu trabalho um homem não tem honra e sem a sua honra, se morre [ou] se mata(...) não dá pra ser feliz*³⁰. Referindo-se ao trabalho como a honra para o pobre, Sarti (2003) afirma que

[...] pode estar contida no fato de se ter uma profissão, reproduzindo em sua aspiração o orgulho das corporações de ofício pré-capitalistas; em trabalhar por conta própria, sem precisar ter um chefe nas costas da gente, reafirmando seus anseios de autonomia através do trabalho; ou em face dos trabalhos “desqualificados” que têm ao seu alcance [...] (SARTI, 2003, p. 90).

Quanto a Lívia, estudou até a 8ª série, trabalha desde os doze anos. De acordo com sua fala, já foi *doméstica, faxineira, camareira, trabalhei em salão de beleza*. Por fim, trabalhou como *diarista em duas casas de família*. Parou de *trabalhar nas casas*, após o terceiro filho com Lula. Atualmente, é catadora do Lixão, junto com os demais familiares, além de ser a principal responsável pelos afazeres domésticos, como lavar a roupa, fazer a comida, limpar a casa, etc.

Toda a família divide-se entre o trabalho e o estudo, priorizando, principalmente, o trabalho, como força motora de enfrentamento da pobreza. No

³⁰ Trecho da música de Gonzaguinha: Guerreiro menino

momento em que Lívia narrava sobre a época em que Tati começou a freqüentar o Lixão, relatou um outro fato que ocorreu, no mesmo período, com muita empolgação. Esta mesma empolgação também pôde ser observada nos demais membros da família. A partir desse relato, ficou claro, que, no Lixão, nada se perde, tudo se recicla. O que para alguns significa “lixo”, para esta e outras famílias, transforma-se em alimento e dinheiro:

[...] Nessa época, o lixo do Carrefour vinha todo pr'aqui. Eram tantas coisas boas que esses meninos endoidavam. A geladeira não fechava, porque era muita coisa boa, não era coisa vencida, fora de validade, não minha linda, era coisa de você entrar no supermercado e comprar. Eu não sei como era aquilo. Tati era tão pequenininha que ficava louca, ela não podia com o saco, porque ela via tanta coisa boa que eu acho que ela nunca tinha visto na vida. Esse menino meu de cinco anos foi criado no leite, vinha tudo: enlatado, danones que vocês pagam super caro no supermercado, vinha tanto que eu não tinha onde colocar. De tudo que você possa imaginar, tanto em relação à comida, como perfumarias, xampus, sabonetes, pastas...

Tati: E fora tudo isso, tinha o dinheiro que a gente trabalhava, a gente ganhava, que a gente pegava, a gente vendia e tinha o dinheiro.

A perplexidade da fala de Lívia, tomou conta de mim. Demorei a entender como alguém que come lixo, pode revelar para um outro esse fato, e de uma forma tão eufórica como o fez Lívia. Os demais membros da família estavam também contagiados pela euforia de Lívia. Indaguei-me, muitas vezes, a respeito daquele modo de narrar e sobre o que representava para eles ter uma geladeira cheia daquelas “coisas boas” que só na geladeira dos ricos tem. Afirma Woodward (2003) que

aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. (WOODWARD, 2003, p. 42-43)

Será que era deste modo que eles queriam ser compreendidos. Como Lixo? Tenho dúvidas. Compreendê-los apenas como “Lixíveros” (SILVA, 2003, p. 109),

seria render-me ao que está na superfície. Reconheço que lidar com o humano é se deparar com incertezas, fragilidades, dificuldades, enfim, com o trágico, a todo momento. Por vezes, ignoramos esses acontecimentos, até mesmo que um fato como o que Livia narrou seja possível. Mas a vida revela-se como é, mesmo quando nos esforçamos para transformá-la em algo mais agradável, menos doloroso.

Vi que o Lixão, para Tati, rapidamente, transformou-se de área de lazer em trabalho árduo, do qual depende ainda hoje e para o qual diz *não tem saída*.

O baixo valor do salário mínimo, a baixa escolaridade e o desemprego interferem na renda da família, contribuindo para a inserção de Livia e dos filhos no trabalho da catação, quase como uma obrigação, uma vez que não se justifica, para eles, ficarem esperando que apenas Lula seja o provedor. Livia tenta explicar melhor isto quando diz que

[...] é as condições de vida que leva você a fazer certo tipo de coisa, e entre trabalhar no lixão ou roubar ou ficar sem comer... vê que os pais não pode dar, fica uma barra difícil de se segurar, principalmente, quando eles estão alcançando a maioridade, estão crescendo. Meu filho olha pra mim... olha pro pai... o pai é o quê? Um biscoiteiro... tudo bem que quando o pai tá com biscoite bom rende um dinheirinho bom, mas não rende o suficiente que dê para a gente manter um padrão de vida melhor, morar melhor...

Anteriormente ao Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)³¹, no Brasil, as crianças, principalmente, aquelas que não tinham famílias ou bens materiais, eram tratadas como “menores”, ou seja, tinham seu valor, como pessoa, diminuído. O ECA veio garantir, sob a forma da Lei, à criança e ao adolescente até os 18 anos de idade, seus direitos de cidadãos. Pelo menos, quanto a isto, a lei mudou: os que antes eram tratados como menores, hoje são cidadãos. Esta garantia abrange não apenas as crianças em situação de risco ou vulnerabilidade social, mas, todas as crianças e jovens que estejam em fase de desenvolvimento.

³¹ O ECA é uma Lei Federal sob o nº 8.069/1990, originada a partir da regulamentação do artigo 227 da Constituição Federal de 1988.

Vale dizer que o ECA surgiu a partir de “um importante e significativo movimento social” (ECA, 2002: p. 6), juntamente com o apoio de vários segmentos representativos dos mais diversos campos de atuação, em favor da garantia de direitos a todas as crianças e adolescentes, sem distinguir sua camada social, sexo, cor ou etnia. É importante ainda ressaltar que

à família cabe lugar central em toda a sua formulação. Os princípios da absoluta prioridade e da proteção integral serão efetivados a partir da interligação das ações que envolvam famílias, comunidade, sociedade em geral e poder público. Todos são co-responsáveis. (ECA, 2002, p. 6)

Como exemplo das garantias destinada aos jovens, destacamos, no ECA, o artigo 60, do Livro I, capítulo V, que garante que “é proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz” (ECA, 2002, 41-42)³². Na realidade, é mais uma proibição que uma garantia, porque o que observamos é que ainda há um enorme precipício entre o que a Lei garante e as realidades vivenciadas pela grande maioria das crianças e adolescentes nascidas em famílias pobres, no Brasil. A situação de “vulnerabilidade social” em que se encontram nossos jovens e as famílias pobres cresce a cada dia, tornando as “garantias de seus direitos” cada vez mais precária e ineficiente. No tocante à vulnerabilidade social, destacamos

(...) aqueles segmentos populacionais cujas características de vida – trabalho e profissionalização, saúde, habitação, escolarização, lazer – os colocam entre as fronteiras da legalidade e da ilegalidade, em situação de dependência face às instituições de amparo assistencial e de intervenção legal (BRITO, 2000, p. 121)

A tarefa, o trabalho ou a exploração infanto-juvenil é fato recorrente ainda hoje e não é observado apenas no Brasil ou entre as famílias que vivem em extrema pobreza. É “explorado” nas diversas camadas sociais.

³² Nova redação, conforme Emenda Constitucional nº 20, de 16.12.98.

Algumas famílias fazem deste “meio de vida” sua sobrevivência, sendo isto mais observado nas camadas sociais mais pobres. Para outras, ao contrário, é um caminho para alcançar um “status” social, no caso, as famílias das camadas médias e altas.

Giddens (2000) acende a idéia de que a exploração do trabalho infanto-juvenil, hoje, quando a ênfase está na “contribuição econômica”, ocorre de forma semelhante ao período pré-moderno. No entanto, atualmente, há a transgressão das normas que proibem qualquer atividade laborativa com finalidades lucrativas aos jovens. Esta transgressão afirma-se, tendo em vista o grande contingente dos que trabalham ou são explorados para ajudar a aumentar a “renda” ou “status” familiar.

Guareschi (1992, p. 08) revela que “a exclusão econômica é, na maioria das vezes, senão a causa, ao menos a condição para a exclusão política, religiosa, cultural e social”. Ou seja, como o dinheiro é a mola propulsora para as mais diversas atividades e necessidades do indivíduo, a falta de dinheiro, para o sistema capitalista, torna aqueles que não o têm, excluídos, por natureza, porque se abrigam nos submundos das cidades, tornando-se assim, invisíveis para o sistema. Sarti (2003) acentua que à medida que a explicação da pobreza social passou a ser posta no sistema e não mais no indivíduo, os pobres deixaram de ser os vadios para se tornarem os desempregados. Diz: “sobretudo a partir dos anos 60, prevaleceu esta tendência a defini-los por uma negatividade, como avesso do que deveria ser” (SARTI, 2003, p. 36)

Procurando demonstrar como é que eles próprios definem seus modos de existir, destaquei da fala do casal os “arranjos” que fazem para sobreviver e manter a família. Lula começa explicando como sobrevivem com uma renda tão incerta e pequena e, compreendo, no seu modo de dizer *não tenho culpa*, como um pedido

de desculpas à família por não poder dar mais, por não poder garantir outro modo de viver. Lívia, por sua vez, termina demonstrando o malabarismo que faz para distribuir, dentro da casa, toda a renda, indicando que todo trocado que chega é bem-vindo:

Lula: Eu não tenho culpa... quando eu tô trabalhando meu dinheiro vai todinho pra ela pra dividir pra casa, pro aluguel...

Lívia: Vem pra mim, para eu distribuir dentro de casa... é o aluguel, no meio da semana ter uma birosquinha, precisar de um ovo, de uma bolacha, de um pão, de um cigarro, de pagar um dinheiro que deixei pendurado pra no final de semana acertar. Quer dizer, você não pega R\$ 100,00 pra só ir no supermercado, não, ele é dividido pra tudo e se você for pra ponta do lápis, no final, sobra muito pouco pra comer. O mais caro é o gás de cozinha... tem a prestação do fogão que eu tirei na loja, em oito prestação de R\$ 37,00... quando chega a semana de pagar o fogão e comprar o botijão de gás, só aí vai se embora R\$ 60,00, que é R\$ 37,00 do fogão mais R\$ 23,00 do gás... e quando você só tem R\$ 60,00, vai comer o quê? Se eu tenho R\$ 100,00, tiro R\$ 60,00 pra pagar, fico com R\$ 40,00 se eu dever R\$ 5,00 na venda, mais R\$ 5,00 ao prestamista, de R\$ 40,00 eu já tirei R\$ 10,00, fiquei com R\$ 30,00... aí é onde vem a complicação do Lixo, eu tenho R\$ 30,00 pra fazer a feira da semana que não dá, são nove pessoas dentro duma casa, aí chega ela [TATI] com R\$ 14,00, aí eu junto com meus R\$ 30,00, aí chega ele [SILVIO] me dá R\$ 10,00... aí é onde eu posso fazer mais um pouquinho.

São verdadeiros malabaristas da vida. Não há conta que dê, tudo o que conseguem arrecadar torna-se irrisório em relação às necessidades desta família.

A casa tá bonita, a dona tá arrumada, a última visita, quanto tempo faz...³³

Há seis anos que a família mora nas redondezas do Lixão, sempre mudando de uma casa pra outra, enfrentando o aluguel. Dentro do Lixão, moram, há seis meses, em uma casa que foi cedida por um comprador de material.

³³ Trecho da música de Chico Buarque de Holanda: “Suburbano Coração”

O local tem três vãos e está assim dividida: Um quarto do casal, com uma cama de casal, um guarda-roupa sem portas, encostado numa parede de tábuas que separa o quarto da sala e um ventilador (sem a proteção da hélice). No quarto do casal, havia *uma porta que Lula achou no Lixão e improvisou, pelo menos dá mais privacidade*, conforme relatou Lívia. No outro vão, que chamam de “sala”, fica um sofá de três lugares, uma estante “*esta foi comprada na loja*”, um som, uma Tv de 20 polegadas a cores (sem cor) e vários *enfeites e bibelôs* que, em sua maioria, foram encontrados no Lixão, conforme revelou Lívia:

(...) olhe, a maioria dessas coisas que tem na minha estante veio de lá. É que os meninos já acabou com quase tudo que tinha aí. Saíram quebrando tudo. Mas eu tinha essa estante repleta e lá [no Lixão] a turma briga por tudo: por um biscoito por um jarro. Se você vê um jarrinho todo mundo quer pegar, né? ...



Na sala, também fica a geladeira cuja porta é amarrada com uma cordinha. No outro vão, ficam duas camas de solteiro, o fogão é *novinho*, *ainda estamos pagando as prestações*, um armário de pé com três portas, próximo a este, tem um filtro com água mineral. Em frente ao armário, está uma mesa de madeira encostada na parede do banheiro, que é separada por uma cortina de tecido estampado, dentro deste, um chuveiro e uma bacia sanitária sem encanação apropriada. Apenas a parede frontal da casa é de alvenaria, todo o restante foi feito de pedaços de madeira. O piso é de barro batido, acompanhando os desníveis naturais da barreira onde foi construída a morada. A parte interior é bastante quente todos os ambientes são cobertos com telhas “brasilit”³⁴ a uma altura muito baixa, se medidos do teto ao chão. A instalação elétrica é puxada da rua, é *gambiarra*³⁵ e foi *tudo feito por Lula*, assim como a água que também é puxada de um cano mestre. O relato a seguir é de Lula, quando indaguei sobre a gambiarra:

(...) não temos condições de pagar, aí eles cortam, aí a gente vai e liga direto da rua, né?

A casa tem uma porta na parede da frente e uma janela, no quarto de casal, projetada também para a frente. Uma porta nos fundos, que dá para um quintal grande onde fica o cachorro; lá também foi feita uma coberta de brasilit para que, naquele local, eles pudessem lavar roupas, pratos... Na pia, tem uma torneira, a única que existe ali.

Para separar melhor a casa da rua, Lula fez um “muro” bastante alto de pedaços de madeiras, com um portão que é fechado com corrente e cadeado. Isto *preserva a família* dos perigos da rua.

³⁴ Brasilit: é uma espécie de telha feita de amianto.

³⁵ Gambiarra: ligação elétrica clandestina.

Observo que pela altura do “muro”, não é possível ver a casa se estivermos do lado de fora, nem a rua, se estivermos pelo lado de dentro. Isto chamou minha atenção e comentei com a família, na ocasião, ao que Livia respondeu:

Quando a gente chegou pra morar aqui, essa casa era só isso [referindo-se a parte de alvenaria] e não tinha cerca; era uma cerquinha de arame farpado bem baixinha [...] Logo que a gente chegou foi a primeira coisa que eu fiz, realmente. Geralmente toda casa que eu moro eu não gosto de manter o muro mais baixo que esse, se possível mais alto.



Quando questiono sobre como faziam para se dividirem na casa? Livia respondeu da seguinte maneira:

Tati dorme na cama dela, que não divide com ninguém, nem com uma barata, nem com uma muriçoca. Aí fica assim: ela dorme ali onde Silvinho está dormindo agora, aqui [na outra cama de solteiro] dorme Beta com um dos pequenos, vamos dizer Davi ou Pedro. Silvinho adora um sofá, o sofá pode estar velho caindo, mas ele só quer o sofá; aí como eu tenho esses tapetes, de noite eu forro com lençol e dorme mais um, Betinho e um prá lá; e na cama de casal,

dorme eu, meu marido e Aninha, desde pequenininha que Aninha dorme comigo por causa do peito, aí é assim.

Os lugares que cada um ocupa na casa estão bem definidos. Da forma como foram descritos parece que todos concordaram e participaram desta escolha; há um certo respeito, entre eles, pelo lugar “preferido” de cada um. Os adolescentes demonstraram ter mais autonomia, em relação às escolhas, que as crianças, possivelmente, porque *têm uma participação*, financeiramente falando, no sustento da família.

Lívia ressalta esta contribuição dada pelos adolescentes para o sustento da família como uma participação sem muita responsabilidade, já que esta é assumida mesmo pelos pais:

Lívia: Eles calculam assim, ele, Silvinho, agora não tem um real, veja a probabilidade do Lixão qual é, uma hipótese [...] se ele sai agora, são onze horas e trabalhar até às quatro horas da tarde, e ele vender o que ele trabalhar nesse espaço do tempo, o que ele vai adquirir?

Silvinho : Uns dez reais.

Pesquisadora: Então, vocês acham que o Lixão dá dinheiro.

Tati: Pra gente, dá

*Lívia: Pra eles que não têm uma responsabilidade, entendeu? **Eles têm uma participação, eles não têm uma responsabilidade.***

Ter apenas uma *participação* é afirmar que, nesta família, a responsabilidade com o sustento da casa é dos adultos; ou seja, alimentação, aluguel, luz, gás, as prestações, entre outras despesas, ficam por conta dos pais. A participação dos adolescentes fica compreendida quando trabalham e com o que ganham bancam suas próprias despesas, como roupa, cadernos, absorventes; isto alivia as despesas dos pais, *isso já ajuda*, como revela Lula. Vez por outra, eles entregam este dinheiro à família para contribuir com as despesas básicas.

Quando comparamos as idades de cada um, com as séries, percebemos que o trabalho, no Lixão, tornou-se uma atividade importante para toda a família, mais que os estudos. Na medida que os filhos crescem, vão sendo inseridos numa atividade, seja esta externa, no Lixão e, portanto, remunerada, ou interna, cuidando da casa, porque cuidar da casa não deixa de ser uma *participação* para que os outros maiores possam trabalhar para ganhar dinheiro. Deste modo, entra o trabalho das crianças e a este respeito Livia relata que:

*quando eu vou pro Lixão, eu não deixo nada pra fazer, já deixo a comida pronta e já sabem se virar, aquela de sete [Beta] já toma conta da pequena, já dá banho e bota pra dormir, já leva pra passear na rua [em frente à casa], já é esperta. **Ninguém é mais tão dependente**, ninguém é mais bebezinho, tão pequenininho.*

Beta é quem fica responsável pela casa e por seus irmãos menores. Ela é uma criança que toma conta das outras, um irmão de 05 anos e uma irmã de 03 anos, que ainda mama. O fato de ser menina reafirma, também, qual é o lugar das mulheres na família pesquisada, e este fato aumenta sua responsabilidade por participar das tarefas domésticas, uma vez que esta tarefa não é cobrada dos irmãos de 12 e 09 anos. Por serem estes maiores que ela, deveriam executar as tarefas do lar. Mas meninos não executam tarefas domésticas, “isso é coisa de mulher”. Algumas funções, tarefas, trabalhos, estão sempre mais associados ao sexo, que ao gênero.

De acordo com Rocha-Coutinho (1994), isto é fruto de uma educação que tendeu a demarcar espaços femininos e masculinos, ficando destinado, às mulheres, o espaço do privado e a tarefa de cuidar dele. Isso despertou nas mulheres sentimentos ambivalentes, que ainda hoje é transmitido de mãe para filha:

[...] de um lado, [vem] a sugestão de libertação deste enredamento que aprisionava a mulher, através de um trabalho e profissão que poderiam trazer, inclusive, uma independência financeira: de outro, a idéia de que o lugar da mulher era em sua casa, cuidando do marido

e dos filhos, e de que a maternidade era a mais sublime de suas vocações. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 111)

Por trás de uma geração, é que os meninos se pautam de que não têm obrigação com nada da casa, mas já com as coisas da rua é diferente. Por isso mesmo é que o filho de 12 anos já frequenta o Lixão, mesmo que com pouca assiduidade, ficando visível que, na Família Silva, os meninos gozam de certas regalias, as meninas não. Nestas regalias estão incluídas, também, as duas crianças menores. Sarti (2003), a este respeito, confirma que o que diferencia a criança dos adultos, entre os pobres, é que aquela não participa ainda das obrigações familiares nem dos afazeres domésticos, mas que isto varia, de acordo com as condições da família. Para a autora, este é o motivo que dificulta “delimitar a infância entre os pobres” (SARTI, 2003, p. 73).

De acordo com o depoimento de Lívia, as crianças, com idades entre 03 e 07 anos, não são consideradas, por ela, mais tão dependentes, embora a filha caçula, com 03 anos de idade, ainda mame. Na família pobre, as crianças aprendem, logo cedo, a se virar sozinhas, é um meio de sobrevivência, afinal, para os pobres, “navegar é preciso, viver não é preciso” (FERNANDO PESSOA, 1972).

O fato destas crianças, com tão pouca idade, assumirem a responsabilidade no cuidado com os irmãos menores, muitas vezes, acarreta trágicos acidentes domésticos.

Há, na família pesquisada, o que Souza (1997) ressaltava como um “sentimento de pertença”, ou seja, um sentimento que afeta a todos como partícipes: incluem-se e são incluídos, isto é, cada um reconhece e é reconhecido pelos demais membros:

A pertença é constituída pelos mitos familiares que mantêm o que se poderia denominar de verdadeira cultura familiar. (...) A casa tem para a família uma função bastante semelhante à de “pele”, separa o interior familiar do ambiente, afasta as ameaças de perda e desmembramento. É muito interessante a observação do interior das

casas onde se pode perceber o funcionamento do inconsciente grupal: a distribuição dos espaços, a quantidade de móveis, os enfeites, as cores... são também uma linguagem familiar, por vezes bastante contraditória em relação ao que é dito. (SOUZA, 1997, p. 102-103)

Souza faz uma tradução perfeita do sentimento desta família quando afirma que a casa, às vezes, se mostra contraditória em relação ao que é dito, principalmente, quando comparei o local que a família mora no momento, com o que sonha, um dia, possuir.

A casa, por mais simples que seja, é nosso território particular; e esteja no lugar que estiver, é onde nos sentimos abrigados, protegidos, onde reunimos amigos, parentes, família. DaMatta (2000, p. 15) ressalta que “a idéia de casa parece surgir como um local privilegiado”, mesmo que se apresente como num sonho. Pois, é ela que mantém toda a família unida, participando como decoradores, construtores. Nos sonhos em torno da casa, esta família mostra seus desejos, gostos, idealizações. No relato a seguir, podemos ver que até as crianças participam desse sonho:

*[...] a casa dos meus sonhos é toda de cerâmica... assim... que eu pudesse ver brilhar... com banheira, com box, pia com aquelas torneiras bonitas que a gente chama de metal, não é banheira de hidromassagem, eu não gosto, não acho graça. Eu queria mesmo era um banheiro tudo direitinho, um cestinho de lixo, um porta toalha, tudo. **No sonho**, a minha cozinha é branca, eu tenho essa coisa na minha cabeça. Se você ver, o meu fogão é branco e novo. No meu sonho, a minha cozinha é aquela que vem toda na parede, que ela tem espaço para a geladeira, ela tem espaço para a pia que é de inox, ela tem espaço para sugar, que fica em cima do fogão e acompanha embaixo um balcãozinho todo fechado, todo branquinho, uma mesinha de vidro redonda. Eu já tenho, veja bem, a minha casa, eu já tenho ela toda montada na minha cabeça. Que seja de primeiro andar e que eu possa colocar uma rede, uma varanda: aí as meninas dizem “Aí em cima uma piscina”, aí eu digo que não. Quero não.*

Beta: Eu queria uma casa com piscina.

Lívia: Eu fazia questão do meu terraço.

Tati: Eu queria que o meu quarto fosse lá em cima, todo organizado, para eu poder colocar os meus livros, a minha cama cheia de seda, um guarda-roupa com espelho.

Lívia: Só pra ela, cor de rosa

Tati: É, cor de rosa.

Pesquisadora: E vocês têm esperança de conseguir realizar esse sonho?

Lívia: Tem hora que eu tenho e tem hora que eu não tenho

Tati: Na hora que eu realizar o meu sonho [de ser modelo], vou dar a ela.

Segundo Silva (2003)

as sociedades modernas têm como referencial básico a imagem do “clean”, do branco, do imaculado, do limpo, do higienizado, do dedetizado, do despoluído, do incluído (SILVA, 2003, p. 106)

Em busca da inclusão, esta família almeja possuir objetos que são símbolos e passaporte para o mundo dos incluídos socialmente, dos respeitados:

Tati diz: eu queria que meu quarto fosse todo organizado.

Lívia: a casa dos meus sonhos é toda de cerâmica... assim... que eu pudesse ver brilhar

É Silva (2003) ainda quem afirma:

A imagem da pureza que marca o ideal da modernidade, e para muitos da pós-modernidade, traz implícita a visão de ordem, de uma situação em que cada coisa encontra-se no lugar que lhe é adequado e em nenhum outro, pois fora do lugar que lhes é reservado, o mundo transformar-se-ia no caos e as pessoas estariam ameaçadas pela desordem (SILVA, 2003, p.106-107)

Isto vale, principalmente, para as pessoas. Tati, intuitivamente, percebe que para ser codificada como incluída, para não ser eliminada, afastada da ordem social, necessita adotar estes valores e tê-los como ideal a ser perseguido, ainda que jamais alcançado.

Perdoem por tantos perigos, perdoem a falta de abrigo, perdoem a falta de amigos, os dias eram assim...³⁶

O casal explica como convivem com a comunidade, e demonstram a cumplicidade entre eles na relação de conveniência dentro daquele contexto ambiental, que consideram: perigoso:

Lívia: Eu sempre que moro, eu construo o meu próprio mundinho, aí o que é meu mundinho, é o portão...minha casa.

Lula: Eu sou amigo de todo mundo.

Lívia: Acontecem coisas aqui que eu não sei ... às vezes, uma vizinha comenta, ou se for uma coisa muito alta...

Lula: Eu preservo muito minha família dessas coisas.

Lívia: Eu me reservo de uma maneira que não atinjo e não sou atingida. [...] porque é eu e ele [Lula], quase ninguém vê. Alias, ninguém vê ele na rua.

Lula: Eu não gosto de rua... Não gosto de briga... Não gosto de confusão.

Lívia: Ele nunca foi homem de ligar uma radiola, botar uma cerveja, chamar quatro, cinco amigos pra beber.

Lula: Dá mau exemplo aos meus filhos? O homem que faz isso dá mau exemplo à sua família. Porque vai beber, chama seus colegas e começa a fazer aquela farrá dentro da sua própria casa, então, você tá dando mau exemplo à sua família, a seus filhos. Porque, mais tarde, seu filho vai querer fazer o mesmo, e você não pode reclamar e repreender ele. Eu não faço isso, quando quero fazer qualquer coisa, levo minha família pra fora.

É fácil perceber que a família se isola em casa, mantendo pouco contato com os vizinhos, evitando as amizades na rua. Há, no casal, uma preocupação em proteger e preservar os filhos e a si mesmo dos perigos e isto fica muito visível no relato acima, descortinando as impressões que se tem da família pobre, sobretudo, no que diz respeito à privacidade, negligência e cuidados com os seus membros. A

³⁶ Trecho da música de Ivan Lins: Aos Nossos Filhos

consciência moral e a honra ajudam Lula a dar exemplos de como preserva a seus dependentes e a si próprio, na comunidade:

Lula: A gente aqui vê muita coisa, vê muita gente se desgraçar.

Lívia: Quando você sai daqui, vamos dizer, pra Jardim Brasil, não é que lá não tenha nada disso, tem, mas é um jeito de ser quase que social, você vê ruas diferentes, pessoas diferentes, moradias diferentes.

Pesquisadora: E como é aqui? Morar aqui?

Lívia: Aqui? A gente se sente as pessoas mais pobres do mundo, vamos dizer assim.

Tati: Ôxe! Queria eu sair daqui [...] morar num lugar decente, ter outros cantos pra gente sair, ver...

Silvinho: Outras amizades, pessoas que têm mais cabeça...

É visível o esforço desta família para se distinguir do meio que a circunda, para se diferenciar. Este esforço, obviamente, tem um preço. A este respeito, Lívia declara:

Lívia: Agora, pense como é mais difícil, pra mim, conviver com um lugar... conviver com essas cabecinhas... Quase deu um nó na minha cabeça pra entrar esse negócio de brinco na orelha, oi, eu passei mal, uns quinze dias... o pai dele se revoltou também e diz que isso não é coisa de homem, isso é coisa de gay. Mas, é porque os filhos, eles vão ocupando o teu espaço, vão tentando mudar os pais na vida.

Lula: Eu detesto cabelo pintado pra homem. Gosto disso não.

Lívia: Silvinho diz assim "mainha a senhora prefere que fure a orelha, pinte o cabelo ou seja um maconheiro" ... aí chega a hora da gente pesar na balança qual das duas coisas

Silvinho: Eu ser... eu ser alma sebosa é que não presta mainha, mas um brinco não quer dizer nada não mainha...

Lula: Pra gente não influi, mas pra polícia influi.

Silvinho: É pai, mas todo mundo usa.

Lula tem uma aguda consciência do valor da aparência em nossa sociedade. Deste modo, esforça-se para que os filhos sejam distintos dos demais membros da

comunidade, não somente no comportamento, mas nos valores e na forma de apresentar-se.

Morar dentro do Lixão significa, para eles, serem *as pessoas mais pobres do mundo*. Têm medo de tornarem-se iguais aos vizinhos, que os filhos sejam confundidos, pela polícia, com os marginais e pereçam. Sarti (2003, p. 116) afirma que “como seu igual, o vizinho [por vezes] torna-se seu espelho, o ‘real-imediato’ que serve de parâmetro para a elaboração de sua identidade social”.

As fronteiras que dividem os catadores que moram no Lixão dos catadores que residem noutras favelas ou comunidades próximas, é, particularmente, visível em seus modos de viver e lugar de moradia. Os outros que moram fora do Lixão também se consideram pobres, mas não tão miseráveis. A família pesquisada, porém, parece querer diferenciar-se daquele contexto quando ergue um muro alto. O muro não serve para demarcar apenas o limite entre a sua casa e a rua, mas, principalmente, por dividir, mesmo que por fronteiras simbólicas, eles dos outros. O desejo de sair do local mistura-se ao medo de não conseguir outra coisa lá fora. No Lixão, pelo menos, eles garantem o pão de cada dia; lá fora, não há tanta certeza. Mas Tati mantém a esperança de um dia ter uma vida melhor, quando revela

Tati: O lixo é um quebra galho.

Lívia: Eu digo para eles que a base de vida da gente é nossos pais, então é um quebra galho; se ela [Tati] tivesse um bom emprego, claro que um bom salário, claro que se eu tivesse um bom emprego e um bom salário eu não moraria aqui, pra começar por aí. Claro que se ele [Lula] tivesse um bom emprego e um salário bom, poderia comprar ou alugar uma casa num lugar melhor. Por que eu traria meus filhos para cá? Eles não sabiam [saberiam] o que era lixo.

É a falta de opção que os leva a residir dentro do Lixão. Sobreviver do que catam no lixo não é escolha, é contingência.

O trabalho no Lixão e suas possibilidades

Tati e Lívia revelam quanto vale trabalhar no Lixão, os perigos e a violência que acontecem, com muita frequência, lá:

Tati: O quilo da latinha custa dois reais e dez centavos, o plástico é doze centavos, a melissa é dezoito centavos, aumentou tudo.

Pesquisadora: Vocês fazem cem quilos por dia?

Lívia: Por noite, porque a gente trabalha mais à noite, mas só que pra pessoa tirar cem quilos, a pessoa tem que trabalhar mesmo, mas quando não tira cem, tira oitenta, setenta, dá pra tirar.

Pesquisadora: E quando vai a família toda, qual a renda?

Lívia: Numa noite, duas pessoas dá para fazer quarenta, duas pessoas.

Tati: É porque quando vai duas pessoas, se faz a mesma coisa.

Pesquisadora: Então, qual é a renda semanal de vocês?

Lívia: A semana toda? Porque eles não vão todas as noites, porque toda noite a gente vende, até porque não é confiável deixar o material guardado, porque tem gente que não quer trabalhar, quer achar do colega mais fácil. Tem menino que só vai pra roubar dos outros, não leva só o que tem dentro do saco, não, leva até o saco também, é um inferno!

Pesquisadora: Existe competição lá dentro?

Lívia: Existe, de plástico, de papelão...

Tati: De tudo lá dentro, porque todo mundo precisa.

Lula: Todo mundo quer ganhar, é uma guerra.

Tati: É uma guerra, toma até da mão se for possível.

Lívia: É assim, vem esse ventilador na coleta, você viu e eu vi, então quando ele cai ali, vai eu e vai você, se você pegar primeiro do que eu, tudo bem.

Lula: Tem que ser rápido.

Pesquisadora: E hoje, vocês vão coletar?

Lívia: Ela tá com vontade, porque assim, ela não pode trabalhar, é proibido, só que o PETI ele não pode proibir. O caboclo [dinheiro] chega atrasado três meses, quando a gente vai receber, só recebe dois. Vinte e cinco reais por cada menino durante um mês, e você

está vendo quanto ela faz trabalhando. Eis a questão porque ainda não conseguiu tirar todas as crianças lá de dentro.

Nestas falas, vemos os obstáculos que se interpõem entre um programa que tenta retirar as pessoas do Lixão e a realidade vivenciada por eles. Podemos observar algumas das razões que levam ao fracasso estes programas, dificultando as ações políticas para o social. Por mais que o trabalho no Lixão seja duro, as alternativas oferecidas pelo Estado não suprem a renda da família, nem é suficiente para que possa vir a garantir uma melhora na qualidade de vida destas pessoas. A família, pautada nas queixas acima, utiliza-se de estratégias que possibilitam acumular as duas rendas, a oferecida pelos programas, que não possui regularidade e, portanto, não pode garantir suas sobrevivências (uma vez que comer é uma necessidade diária), e a advinda do trabalho no lixo. Além disso, desenvolvem estratégias que aumentam a rentabilidade da coleta no lixo, tais como, o trabalho em grupo, que o torna mais ágil e seguro. As questões relativas à competitividade no trabalho revelam seu valor político, devido à negociação que se estabelece entre as pessoas que buscam, naquele local, além da sobrevivência, um lugar no mundo.

Olhando a história de nossa sociedade, compreendemos que a miséria é uma construção histórico-social, transitória e mutável, também que é fruto e parte dos movimentos capitalistas. Por ter a pobreza uma historicidade marcada no social, é possível vislumbrar, através das narrativas dessa família, que seu

[...] passado não é imutável, pois o significado de um acontecimento se transforma juntamente com a história do indivíduo. O futuro também atua, enquanto esperança ou receio. Nessa perspectiva, não é o passado que determina o presente, nem este o futuro. Ao contrário, é o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do presente (AUGRAS, 2002, p. 31)

Assim, os significados, escolhas, dificuldades, encontros, desencontros, sonhos, desejos, amor, medos, vergonhas, tempo, limites, possibilidades, alegrias, tristezas, fracassos, vitórias, igualdades, diferenças, companheirismo, encantamentos, decepções, mudanças, trabalho, esperança, família, estão entre os mais diversos sentimentos que encontrei nos modos de existir de uma família moradora do Lixão, os quais foram revelados e eternizados por essa “história sem fim”.

4. COMPREENDENDO E ESCRREVENDO SENTIDO

Compreender os modos de existir de uma família, moradora do Lixão, só faz sentido quando atribuímos a esta compreensão uma visão ampliada, flexível... passível de mudanças. Neste momento, retomo o que disse, anteriormente: a compreensão quando embasada na fenomenologia não se esgota, não tem um fim, não é conclusiva, posto que tudo pertence ao devir.

Não é, portanto, um fim que pretendo aqui, mas uma compreensão dos modos como uma família, vivendo em extrema pobreza, apresenta-se no mundo, no momento atual; como revela seus sentimentos, sonhos e desejos, a partir de seu universo vivencial.

Escutando as narrativas, tive a impressão de que elas falam por si e o sentido que captei nestas e escrevi, que resultou na história de vida da família, é apenas a minha narrativa das narrativas, somente uma das possibilidades de compreender esta família. Assim, o que apreendi é resultado da dialogicidade permitida entre a fala dos participantes e minha escuta a respeito de como uma família pobre e numerosa vivencia a dificuldade de trabalhar e morar dentro de um lugar destinado ao lixo, criando estratégias de sobrevivência e enfrentando um sistema sócio-econômico excludente, como o nosso.

**4.1 - ...E é como se então, de repente, eu chegasse ao fundo do fim...
De volta ao começo...³⁷**

Nós vamos levando este barco, buscando a tal da felicidade, pois juntos estamos no palco, nas ruas, nas grandes cidades.

Nós, os milhões de palhaços...
Nós, os milhões de arlequins...
Somos apenas Pessoas, somos Gente, estrelas sem fim...³⁸

Iniciei minha compreensão sobre os modos de existir da Família Silva, refletindo sobre os valores, conceitos e funções adotados por ela, enquanto instituição. Observei que os papéis sociais de pai, mãe e filhos se encontram preservados em concordância com o socialmente esperado. As funções básicas de cuidados, proteção e manutenção da família são assumidas pelos pais e estes portam-se de uma forma que tende para uma relação democrática entre si e com os filhos.

Observei um relacionamento solidário entre os membros da família, com responsabilidades divididas entre todos, conservando-se, no entanto, as diferenças de idade e sexo. Isto pode ser demonstrado na divisão de trabalho, nesta família. Cabe, principalmente à mãe, o cuidado com a educação dos filhos, a repartição e uso do dinheiro, priorizando a satisfação das primeiras necessidades. Quanto à consecução do dinheiro para garantir a sobrevivência, é responsabilidade, principalmente, dos adultos, mas idealmente ainda pesa mais sobre o genitor. O trabalho remunerado dos adolescentes é necessário à sobrevivência da família, visto com bons olhos e sem reserva pelos pais. Porém, não é exigido como sendo uma responsabilidade. As crianças ajudam nos afazeres domésticos e há uma

³⁷ Trecho da música de Gonzaguinha: De volta ao começo

³⁸ Trecho da música de Gonzaguinha: Artistas da vida

distribuição de tarefas, por sexo. Deste modo, cabe às meninas cuidar da casa e dos irmãos menores, o que deixa muito pouco para ser realizado pelos meninos.

Na família pesquisada, tanto a privacidade do casal quanto a dos filhos está preservada. Mesmo apresentando precárias condições de sobrevivência, há sinais de que a intimidade do casal é um valor para esta família e uma marca que denota este valor é a presença de uma porta de madeira que separa o quarto do casal do restante da habitação. Os demais cômodos são divididos por cortinas. Isto contraria a crença disseminada na sociedade, de que os pobres coabitam de forma lasciva, sem respeito à privacidade entre adultos, jovens e crianças, provocando uma convivência promíscua entre os membros da família.

Não pretendo generalizar este achado, pois estou ciente de que um único caso não me permite tal generalização. A possibilidade de ocorrer abusos sexuais e incestos numa convivência em espaços tão minúsculos, tão precários, como este, com o qual me deparei, semelhante aos encontrados em comunidades de periferias, nos morros e favelas, é real. Por seus modos de morar e dividir os espaços da casa, estas famílias tornam-se mais vulneráveis ao assédio e abuso sexual entre os parentes, que outras. No entanto, é necessário estar atento para não tomar isto como uma regra; esta família é um exemplo de que ser pobre não se identifica com convivências promíscuas.

Na família em questão, a divisão dos espaços entre os membros parece atender a critérios de conforto e respeito à individualidade de cada um. Isto pode ser observado nos cuidados que Lívia toma para abrigar cada filho. Cada membro tem seu lugar certo para dormir e isto é narrado pela mãe, como sendo resultado das preferências dos mais velhos, Tati e Silvinho, e melhor acomodação dos mais

novos. *Tati não divide a cama dela nem com uma muriçoca* e *Silvinho gosta de dormir no sofá*.

Diversos exemplos falam do valor dado à privacidade por esta Família. Um muro alto que, ao mesmo tempo em que a separa do lixo e dos demais membros da comunidade, isolando-a, diferenciando-a, permite-lhe uma maior privacidade. Um banheiro dentro de casa, incomum na maioria das habitações deste tipo. Cortinas e porta, separando os cômodos. Os filhos mais velhos dormem sozinhos. Dentro das contingências de pobreza que esta família enfrenta, que a obriga a, por exemplo, manter a filha pequena dormindo na cama dos pais, é possível perceber o esforço para preservar a privacidade e intimidade de cada um. Há, também, respeito entre eles, inclusive em relação aos pertences de cada um, tais como: lugar de dormir, roupas, objetos pessoais, etc.

Outro valor preservado por esta família é a hierarquia e obediência entre pais e filhos. Todos os filhos são obedientes aos pais e vivem sob o comando destes, prestando-lhes satisfação do que fazem dentro e fora de casa, independente do sexo ou idade. Lula ocupa o lugar de "chefe" da família e Lívia comanda a casa, isto é, de modo tradicional, a mulher tem seu "reino" no lar.

Apesar de assumir as tarefas "femininas" no lar e falar em relação ao marido, conservando um modo tradicional, *ele tem direitos de homem*, Lívia demonstra ser uma mulher forte, nada submissa, que detém um forte poder e controle sobre esta família. Além disso, é uma mãe carinhosa, afetiva, bem-humorada, determinada, preocupada com o futuro dos filhos, amiga e compartilha com eles as experiências extra mundo familiar. Esta mãe exerce, também, a função de preservar as tradições familiares, tais como o almoço de Domingo.

O modo forte e decidido revela-se quando, durante todas as entrevistas, Livia assumiu quase todas as falas da família. Isto pode ser, pelo fato de possuir um vocabulário diferenciado e bem elaborado, diferente dos demais membros da família, garantido-lhe o lugar privilegiado da fala na família, pois na crença popular, quem sabe falar “sabe das coisas”.

Observando o modo como a família me recebeu, pude compreender que mesmo se preservando dentro de um muro alto com o portão fechado e cadeado, são pessoas acolhedoras, agradáveis com os que chegam. Dentro de suas possibilidades, "recebem bem": oferecem água, café, a melhor cadeira, etc. A casa é de tábuas e o piso é de barro, ainda assim, é organizada e limpa. Livia relata que a maioria dos objetos que possui foi encontrados no Lixão.

O casal vive um casamento consensual, há 18 anos, e, apesar de ambos terem tido relacionamentos anteriores com filhos, a durabilidade deste relacionamento é outro diferencial desta família e também desmistifica a crença de que entre os pobres as relações são sempre efêmeras. Este casal mantém uma relação harmoniosa e estável, são parceiros no trabalho e na vida, companheiros nas alegrias e dificuldades. Para demonstrar a solidez do relacionamento que mantém, usam a seguinte metáfora: "a gente é como uma rocha". As brigas acontecem, eventualmente, e os filhos atuam como conciliadores das desavenças entre eles.

Porém, a vida dura que levam, traz suas conseqüências. Livia diz ser mais nervosa e estressada que Lula, declarando que este é mais pacífico. Alega que seu nervosismo é do estresse e é possível compreendê-lo, principalmente, quando observo a tentativa exaustiva que ela faz para diferenciar-se da comunidade em que vive, para não se misturar e se identificar com o lixo. Pertencer a uma família que

sobrevive, catando lixo, revelou-se na narrativa de Lívia, como sendo a maior dificuldade de sua vida. A forma como ela se apresenta, os seus sonhos, o tipo de lazer que aprecia, a casa que deseja ter, o futuro que almeja para os filhos, etc, são evidencias, não apenas do mundo que idealiza e fantasia, mas do enorme esforço despendido para se diferenciar do meio em que vive.

Este esforço contínuo para se diferenciar de tudo que a cerca já vem aparecendo, também, no comportamento e nas atitudes de Tati, sua filha, adolescente. Esta já demonstra a vergonha que sente por morar no Lixão e, em razão desta vergonha, é outro o endereço de moradia que fornece quando isto lhe é exigido. Por morar no Lixão, os membros desta família sentem-se *as pessoas mais pobres do mundo*. Quanto a Lívia, sua luta é consigo mesma, para não se deixar envolver ou permitir que sua família se misture demais com o lixo, resiste a se reconhecer como tal, a igualar-se a tantos catadores dali. Prefere isolar-se do resto da comunidade e transportar-se para outras possibilidades através da televisão e do discurso que produz.

Quanto a Lula, mostrou-se um homem respeitador, honesto e trabalhador. Revelou-se criativo e ousado na vida, pois muito embora esteja desempregado, não se nega nem se envergonha de ir buscar, no Lixão, uma maneira de honrar seus compromissos de pai e marido. É sabedor dos perigos que se instalam ali, mas enfrenta-os com dignidade porque, para ele, *é melhor trabalhar no Lixão que roubar*. Esta frase dita por Lula tem um valor de exemplo, para os jovens, representa honra e honestidade. É a moral que rege esta família: “pobres mas honestos”, e significa que é pelo trabalho que todos os seus membros vão conseguir sucesso na vida e não por meios ilícitos.

Por outro lado, Lula revela também frustrações por não ter condições de dar à sua família uma vida mais digna, proporcionando-lhe lazer e realização dos desejos. Demonstra a crença de que um pai deve dar bons exemplos aos filhos, evitando bebedeira e trazer “amigos” pra farras na sua casa; somente, deste modo, crê que pode exigir o mesmo dos filhos: *depois eles querem fazer a mesma coisa e eu não tenho moral pra impedir.*

O lixão é um local aberto que dá acesso a todo tipo de pessoa. Por ser o endereço de moradia e trabalho da família, as preocupações com os adolescentes aumentam. Isto faz-nos compreender o quanto Lula e Lívia se sentem temerosos diante da situação de vulnerabilidade, perante os constantes e diversos perigos que acometem a comunidade. Bocas de fumo são freqüentemente instaladas e disputadas a tiro, bem próximo das residências, deixando todos os moradores apavorados. Os barracos são frágeis, na maioria, são de tábuas, papelão ou plástico, poucos são de alvenaria. Apesar da pobreza de seus habitantes e do pouco que têm para ser furtado, são constantes os assaltos aos barracos, no Lixão. A morte de adolescentes e adultos é fato corriqueiro, quase banal.

Alguns adolescentes tendem a se tornar *gente errada*, na compreensão de Lula; acabam por se envolver com drogas, galeras, com a bandidagem, demonstrando como é tênue o limite entre o *cara legal, trabalhador, honesto* e o *mala, vagabundo, marginal* (Sarti, 2002). O modo como o casal tenta evitar que os filhos se envolvam com situações deste tipo é através de constantes diálogos estabelecidos entre este e os filhos.

Ainda que este casal tenha se afastado desde muito jovens, da família de origem, preserva inteira, a atual, *a que eles constituíram*. Mesmo diante de toda a dificuldade de sobrevivência, nenhuma gravidez daquele relacionamento foi

interrompida; nenhum filho foi doado. Os filhos são o grande motivo de preocupação e investimento do casal: *a gente vive mais em função dos filhos*. Já em relação aos filhos dos relacionamentos anteriores, quase não há contato com eles, deixaram aos cuidados dos avós.

Tati é uma jovem que tem sonhos iguais aos de qualquer adolescente de sua idade, mas divide-se entre o trabalho do Lixão e os estudos, na esperança de, um dia, realizar o sonho de ser modelo e assim poder mudar toda a sua vida e de sua família. Os seus relatos revelam um sentimento ambíguo em relação ao trabalho no Lixão: há momentos que diz *ser um quebra galho*, demonstrando um forte desejo de sair dali: *queria eu sair daqui, ir morar noutros lugares*. Em outros, refere-se ao Lixão como se este fosse o melhor e mais maravilhoso lugar do mundo, onde: *ganha dinheiro fácil*. Esta ambigüidade pode ser compreendida, uma vez que este lugar insalubre, que exhibe constante perigo de incêndios e explosão devido aos gases que se formam, da violência contra as pessoas adultas e jovens, onde a polícia prende, constantemente, furtivos de presídios, pessoas portando armas, ilegalmente, traficantes, etc, é, também, o lugar que lhe garante a vida, ainda que em condições tão adversas.

O sentimento de ambivalência em relação ao Lixão foi uma expressão captada na fala de todos os membros da família. Ao mesmo tempo em que esta família expressava um forte desejo de sair daquele local, revelava o medo de, ao sair dali, encontrar-se numa situação de desamparo ainda maior. O trabalho no Lixão garante o pão de cada dia, fora dele, tudo é mais incerto ainda.

Há seis anos, o casal mora dentro daquele depósito, há pelo menos dez, mora nas redondezas, porém toda a vida dos dois foi encarando dificuldades e sofrimentos e é provável que tenha adormecido para suas possibilidades de

conseguir dar conta de suas vidas, de outro modo, assumindo uma outra perspectiva de vida e de trabalho. “Contentam-se” com aquela *vida carregada*, afinal, o Lixão, hoje, faz parte de sua história, tendo-se tornado um lugar seguro e familiar. Mas não se conformam, pois eles estão tão misturados ao que fazem que desconhecem em seus modos de existir que, cotidianamente e diuturnamente, o que fazem é batalhar pela sobrevivência. Este é o modo deles existirem nesse momento, é o modo que encontraram de estar no mundo, de fazer parte, mesmo estando à parte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C. de, Cumplicidade, complexidade, (com)paixão. In: CARVALHO, E. A. et all (Org.). Ética, solidariedade e complexidade. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 1998.

_____. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO. G. de et all (Org.). Ensaio da complexidade. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

AMAZONAS. M.C.A. L. A respeito do uso da palavra desconstrução por Jacques Derrida: uma discussão preliminar (no prelo), 2003

ARENDT, H. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

AUGRAS. M. O ser da compreensão fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

BADINTER. E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 1985.

BRITO. L.M.T. Avaliação dos adolescentes pelas equipes que atuam no sistema sócio-educativo. In: BRITO. L.M.T. (Org.). Jovens em conflito com a lei: a contribuição da universidade ao sistema sócioeducativo. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2000. p. 115-125.

CARVALHO, M C B. O lugar da família na política social, In: CARVALHO, M.C.B.(org.). A família contemporânea em debate. 4. ed. São Paulo: EDUC-Cortez. 2002.

CASTRO, A. M. de. (org.). Fome: Um tema proibido – últimos escritos de Josué de Castro. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1984.

CASTRO, J. Homens e caranguejos. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1967.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. estatuto da criança e do adolescente. (Lei nº8.242/1991)... Brasília, DF, 2002.

CRITELLI, D. M. Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC, Brasiliense. 1996.

DAMATTA R. A casa & a rua espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

DAMIAN, S. A. S. ; OLIVEIRA, J. T. D. Assédio sexual: dano e indenização. 1. ed. São Paulo: Ljmt. 1999.

DEMO, P. Charme da Exclusão Social, polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores Associados. 2002.

DERRIDA. J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva: ed. da USP. 1973

FERRARI. M. ; KALOUSTIAN. S. M. Introdução. In; KALOUSTIAN. S. M. (Org.) Família brasileira a base de tudo. 5. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FIGUEIREDO, L. C.M. Revisitando as psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. ed. revista e ampliada. São Paulo: Educ-Petrópolis. Vozes. 1996.

_____. Escutar, recordar, dizer encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo: EDUC. 1994.

FORGHIERI Y. C. Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1993.

GIDDENS. A. Mundo em descontrole o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record. 2000.

GUARESCHI. P. Excluídos, Psicologia ciência e profissão. São Paulo, ano 12, n. 3 e 4, Conselho Federal Psicologia. 1992. p. 4 - 11

HOLANDA, A. Fundamentação Fenomenológica da Pesquisa do vivido. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE FILOSOFIA, PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA, 6. 2003. Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: ABRAFIPP, 2003. p. 171 - 183

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MEIHY. J.C.S.B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola. 1996.

MENDONÇA, M.C.V. Pedagogia da violência: as relações de poder entre mãe e filha. Recife: Edições Bagaço, 2002.

MILLER, D. Incesto: O centro da escuridão, In: IMBER-BLACK E. et. all. Os segredos na família e na terapia familiar. Porto Alegre: artes médicas. 1994. cap. 10, p. 185 – 199.

MINAYO. M.C.S. O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: ABRASCO. 1999.

MORATO. H.T.P ; SCHMIDT. M.L.S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO. H. T. P. (Org.) Aconselhamento Centrado na Pessoa: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1999. cap. 6, p.117-129.

MORATO. H.T.P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinaridade. In: MORATO. H.T.P. (Org.) Aconselhamento Centrado na Pessoa: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1999. cap. 3, p.61-89.

MOREIRA. Virgínia. A filosofia de Merleau-Ponty na Pesquisa em psicopatologia crítica. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE FILOSOFIA, PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA, 6. 2003. Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: ABRAFIPP, 2003. P. 161 - 169

MORIN, E. A ética do sujeito responsável, In: CARVALHO, E. A. et all. (Org.). Ética, solidariedade e complexidade. 3. Ed. São Paulo: Palas Athena. 1998.

_____. Complexidade e ética da solidariedade, In: CASTRO, G; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. (orgs.). Ensaio da complexidade. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 11-20.

_____. Ciência, democracia, civismo e ética. In: PENA-VEGA et. all (Org.). Edgar Morin: ética, cultura e educação. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2003.

NEDER, G. Ajustando o Foco das Lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil In: KALOUSTIAN, S. M (org.). Família Brasileira a base de tudo. 5. Ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF. UNICEF, 2002.

OLIVEIRA, A. M. de. (org.) et.all. Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Favelas e Organizações Comunitárias. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PERLS, F. S. Gestalt-Terapia explicada. 2. ed. São Paulo: Summus. 1977.

_____. As regras e os jogos em Gestalt-Terapia. In: FAGAN J. ; SHEPHERD, I. L. (orgs.). Gestalt-Terapia teorias, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. cap. 11. p. 194 - 206

PESSOA, F. O eu profundo e os outros eus: Seleção poética, 2. ed. Rio de Janeiro: nova fronteira. 1972.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. 4. ed. São Paulo: Educ/Cortez. 2002.

SARTI, C. A. A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. 2. ed. revista. São Paulo: Cortez. 2003.

_____. Família e Individualidade: um problema moderno In: CARVALHO, M. C. B de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: Educ: Cortez, 4. ed. 2002.

_____. O valor da família para os pobres In: RIBEIRO A.C. (Org.). Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola. 1995. cap. 3, p.131-149

SILVA, T.E.M. A modernidade do lixo. In ALMEIDA, M.C.; KNOBB, M. & ALMEIDA, A. M. Polifônicas idéias: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 106-110.

SOUZA, A. M. N., A Família e seu Espaço uma proposta de terapia familiar. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: AGIR. 1997.

TRIVIÑOS. A. N. S. Introdução a pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.

VALLE, E. R.M. do, Acompanhamento Psicológico em Oncologia Pediátrica, In: ANGERAMI V. A. Camom et. alL. (Org.). O atendimento infantil na ótica fenomenológico-existencial. São Paulo: Pioneira. 2004.

VICENTE C. M. O Direito à Convivência Familiar e Comunitária: uma política de manutenção do vínculo, In: KALOUSTIAN, S. M (Org.). Família Brasileira a base de tudo, 5. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF. UNICEF, 2002.

WITTGENSTEIN. L. Tratado logico-filosofico, investigações filosóficas Ludwig Wittgenstein. 2. ed. revisada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1992.

WOODWARD. K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.); HALL, S. & WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais, 2 ed. Petrópolis, Vozes: 2003. p. 07-72.